

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MELISE BATISTA SILVA

“Para evitar perturbar a paz dos mortos”:
práticas e representações da morte nos projetos e transformações urbanas de
Uberlândia (1990-2013).

Uberlândia
2014

4228
59
(*)

MELISE BATISTA SILVA

“Para evitar perturbar a paz dos mortos”:

práticas e representações da morte nos projetos e transformações urbanas de
Uberlândia (1990-2013).

Monografia apresentada ao Curso
de Graduação em História do
Instituto de História da Universidade
Federal de Uberlândia (INHIS-UFU)
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em História, sob a
Orientação da Prof.^a Dra. Mara
Regina do Nascimento.

Uberlândia

2014

MELISE BATISTA SILVA

“Para evitar perturbar a paz dos mortos”:

práticas e representações da morte, nos projetos e transformações urbanas de
Uberlândia (1990-2013).

Banca Examinadora

Professora Dra. Mara Regina do Nascimento (Orientadora)

Professor Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior

Professora Dra: Jacy Alves de Seixas

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa e difícil caminhada.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, contribuindo com a melhora do meu desempenho acadêmico, em especial aos Professores Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior e, Dra. Jacy Alves de Seixas por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho; e à Prof. Dra. Mara Regina do Nascimento, responsável não só pela orientação deste trabalho, mas principalmente por acreditar em mim quando eu já havia desistido, dando-me animo para chegar à reta final. Obrigada por todos os conselhos e pelo incentivo.

Agradeço o imenso carinho e empenho demonstrados a mim pelo secretário e amigo João Batista, que por diversas vezes auxiliou e aconselhou-me, procurando sempre socorrer-me nas adversidades acadêmicas; é certo que não teria chegado tão longe sem sua imensa dedicação.

Agradeço aos colegas de curso em especial a amiga Sálua Francinele, que fizeram os meus dias mais alegres, abrandando as dificuldades impostas pela vida. Pois foi no convívio e nas trocas de experiências dos encontros diários, que pude perceber que o tempo não para pra ninguém. Todos somos reféns das idas e vindas, que nos põem a prova a todo instante, confirmando que os desafios existem para todos, dependendo, portanto, de cada um o desejo de enfrentá-los.

Mas que agradecer, dedico esta, bem como todas as outras conquistas, a minha família, meu suporte em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. A minha amada mãe (Ivânia Batista Silva) que dedica toda atenção e esforço a minha formação, mas principalmente à conquista da minha felicidade, ela é meu principal suporte, quem me indica o caminho e me da força sempre que preciso (mãe obrigada); ao meu pai, um amigo (Carlos Alberto) que mesmo longe sempre devotou atenção e carinho aos meus estudos; ao meu querido padrasto (Milton Rodrigues) que já me acompanha nas lutas diárias há mais de quinze anos, contribuindo sempre com as minhas conquistas; a minha amada irmã, amiga fiel, sempre paciente (Michele Batista); às primas sempre amigas (Laisa Silva e Franciele Soares); aos tios carinhosos (Adilson e

Adriane) em especial a tia Tereza pela força, paciência e amor incondicional; às crianças (Gabriel, Marianne e Miguel) que alegam meus dias, e dispersam os problemas; aos avós, amigos e todos aqueles que de alguma forma fizeram e fazem parte da minha vida.

E o que dizer a você Ricardo?

Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu à pena esperar... Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho!

Mas em especial dedico este trabalho a minha amada filha Isabella que surpreendentemente mudou meus objetivos, minhas escolhas, minha felicidade. Ser mãe foi um presente grandioso, ao qual agradeço todos os dias, ao olhar os pequenos e corriqueiros gestos, desta pessoa tão inestimável.

E à minha amada avó (Doracy Rodrigues), pois além de motivar e de me acompanhar rumo à minha vitória, foi sua maior perda que me incentivou no tema da monografia, pois a morte mesmo sendo assunto discutido e estudado, não acalma os corações daqueles que sofrem uma perda, principalmente quando esta morte é de dois filhos amados. Acompanhar seu sofrimento e suas lamentações, e a forma como foram providenciados os ritos finais colaboraram muito com as discussões deste trabalho.

Meus amados tios, os quais fizeram parte dos meus dias por mais de vinte anos, estiveram sempre em minha memória, em minhas lembranças, e muitas vezes no esquecimento, possibilitando o entendimento de várias discussões. O meu sentimento de perda, e a percepção da dor sem fim de minha avó possibilitaram uma leitura diferente, pois as lembranças dos momentos finais de meus entes queridos foram por diversas vezes usados por mim como comparação, nas transformações do morrer contemporâneo no ocidente.

Por isso este trabalho foi feito com muito amor, em memória de Ivan Batista Silva e Lucivane Batista Silva.

Esta vitória é de todos aqueles que me acompanharam nesta jornada, seja presente ou apenas na lembrança!

“Aquilo que verdadeiramente é mórbido não é falar da morte, mas nada dizer acerca dela, como hoje sucede. Ninguém está tão neurótico, como aquele que, considera ser neurótico ao decidir-se pensar, sobre o seu próprio fim”.

Philippe Ariès

Resumo

Este trabalho tem como proposta analisar e compreender como se deram, no espaço urbano uberlandense, as transformações nas práticas e representações do morrer e da morte, considerando os discursos e os projetos voltados ao progresso e à modernidade. Neste sentido, nosso foco recai na análise das construções e “desconstruções” dos cemitérios e, principalmente, do surgimento das empresas que oferecem planos de assistência fúnebre, recém-instaladas e que contribuem para a transformação da cultura mortuária. Observamos, ainda, como a cidade trata seus mortos e promove seus ritos, a partir dos conceitos de memória e esquecimento.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: A morte: representações na história ocidental	14
A modernidade, a religião e a morte	20
O “Bem morrer” no Brasil.....	23
CAPÍTULO II: Espaços de Circulação: a cidade e o Progresso.....	28
Uberlândia, uma cidade em eterno progresso.....	32
Os cemitérios e a morte nos espaços urbanos de Uberlândia.....	37
Finados: a comemoração dos mortos que movimenta a cidade e sua economia.....	43
CAPÍTULO III: A morte nas mãos das empresas: as funerárias e os Planos de Assistência Familiar em Uberlândia.....	48
Paz Universal Serviços Póstumos.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS.....	66

Introdução

O presente trabalho busca analisar como se configurou a representação da morte no espaço urbano da cidade de Uberlândia-MG, considerando os discursos, os projetos e as ações das elites dirigentes. Empenhadas em realizar o que julgam ser o progresso e a modernidade, modificaram os aspectos físicos, culturais, sociais e políticos da cidade, ao enquadrar e submeter à sociedade em seus planos. Nosso foco recai principalmente nas empresas que oferecem os planos de assistência fúnebre, recém-instaladas e que contribuem para a transformação da cultura mortuária, individualizando o morrer cada vez mais.

Partindo da idéia de que na cidade de Uberlândia havia uma desqualificação da memória fúnebre representada pela constante desativação e “destruição” das primeiras necrópoles, este trabalho se propõe a verificar o processo de transferência e de construção dos cemitérios na cidade. Observando, dessa maneira, se existem ou não, por parte dos poderes públicos, religiosos e população em geral, cuidados especiais com os mortos, seus ritos voltados à memória destes e para o *post mortem*. Já que a cidade vive fortemente em torno dos projetos de construção e reformas urbanas, voltados para a noção de “progresso”.¹

A nova configuração do morrer é confirmada pelo aumento das empresas de serviços póstumos que oferecem conforto e qualidade, para os momentos difíceis da vida, como a morte. Neste segmento, a “*Paz Universal Serviços Póstumos*” representa a idéia de conforto e modernidade, expressos no material publicitário da empresa, que divulgam e oferecem os serviços que visam, antes de tudo, a comodidade dos vivos. A proposta deste trabalho é tomar como objeto de estudo as relações construídas entre espaço urbano e

¹ DANTAS, Sandra Mara. A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha/MG (1888-1929). UNESP, 2008.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. UBERLÂNDIA: história por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. EDUFU, 2010.

morte, e espaço urbano e economia fúnebre. Destacando sempre o impacto causado pelo discurso ufanista de cidade moderna.

Vários autores que estudam o tema foram de suma importância para os resultados das pesquisas, mas o livro de Fernando Catroga "*O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*,"² foi o responsável por despertar meu interesse para o desenvolvimento da pesquisa sobre a morte, a partir da idéia de negação da morte pelo homem, que não aceita sua finitude e por isso se empenha em dissimulá-la, descaracterizá-la e desfigurá-la.

Já a obra de Philippe Ariès: "*O homem diante da morte Volume I e II*"³ foi basilar, pois apresentou todo processo de transformação da morte e do morrer no ocidente, definindo o modelo cultural da morte em cada tempo histórico. O trabalho de Sandra Mara Dantas. "*A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha/MG (1888-1929)*"⁴ orientou os principais direcionamentos sobre a existência ou não de discursos progressistas na cidade de Uberlândia.

Mas para apresentar resultados significativos referentes aos questionamentos levantados, fez-se necessário compreender questões que permearão as discussões no decorrer do trabalho, tais como a morte, as necrópoles e os túmulos. Também fomentou este estudo a tentativa de compreender memória, modernidade, sociedade, símbolos, ritos e urbano. Para isto, foi usada uma variada bibliografia, que julgamos dar conta não só da morte e do urbano, mas de outras questões que se fizeram tão importante quanto, para a compreensão da pesquisa.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro com o título "*A morte: representações na história ocidental*" se propõe a esclarecer os conceitos sobre morte, memória, símbolos, ritos e moderno, ressaltando que o significado de um se mostra necessário para a compreensão dos demais. Isto porque a idéia da constituição do morrer passa pelos demais conceitos. Para

²CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva, 1999.

³ARIÉS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. Coleção Ciências Sociais. Volumes I e II.

⁴DANTAS. *A fabricação do urbano*. Op. Cit. P12.

isto foram valiosas as contribuições de Edgar Morin, Jacques Le Goff, Cláudia Rodrigues, João José Reis, Jacy Seixas,⁵ pois a partir de seus trabalhos tornou-se possível compreender a constituição dos ritos e símbolos que se criam entorno da morte e de como a modernidade potencializou sua ligação com a memória.

O segundo capítulo intitulado "*A morte no espaço urbano de Uberlândia*" busca relacionar os conceitos apresentados anteriormente com a definição do espaço urbano no Brasil no início do século XX, observando como as transformações urbanas interferiram e transformaram a sociedade e suas práticas culturais, entre elas a morte. Para relacionar as transformações da morte com o espaço urbano os trabalhos de Lewis Mumford; Richard Sennett, Eduardo Coelho Morgado Rezende, Mara Regina do Nascimento, Helena Bomeny,⁶ se fizeram necessários contribuindo, portanto, com os resultados do problema previamente proposto.

O terceiro capítulo "*A morte nas mãos dos empresários: as funerárias e os Planos de Assistência Familiar em Uberlândia*" aborda a relação construída entre a sociedade, o espaço urbano e as funerárias como representantes das

⁵MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Publicações Europa-Americana, 1970. 2ª Edição. ; LE GOFF, Jacques. História e Memória; tradução Bernardo Leitão – 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. ; _____. O nascimento do Purgatório. Lisboa; Editorial Estampa, 1995. ; _____. e SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Editora: Edusc, 2006, Vol2. Pp.243-261. ; RODRIGUES, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro / Cláudia Rodrigues. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. ; REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. ; SEIXAS, Jacy A. de. Os tempos da memória: (des)continuidade projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? Proj. História. São Paulo: EDUC, nº24, 2002, pp.43-63. ; _____. Comemorar entre memórias e esquecimento. História: Questões e Debatés. Curitiba: Ed. Da UFPR, nº 32, jan/jun 2000, pp.75-95. ; SEIXAS, Jacy A. de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado. História. São Paulo: Ed. UNESP, 20, 2001.

⁶MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas Volume I e II; Tradução Neil R. Da Silva. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1965. ; SENNETT, Richard. Carne e pedra; Tradução de Marcos Aarão Reis. – Rio de Janeiro: Record, 1997. ; _____. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. ; REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Cemitérios. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007. ; NASCIMENTO, Mara Regina do. Irmandades Leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana séculos XVIII-XIX. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 362 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

práticas fúnebres na cidade, a partir da estrutura e dos serviços oferecidos por estas empresas, sendo importantes a análise dos trabalhos de Isabela Andrade de Lima Moraes e Cláudia Zapata.⁷

Como fonte histórica fez uso de jornais e periódicos que apresentam os discursos formadores impressos na identidade da cidade desde os anos de 1890 à 2013; o uso de folders, contratos e de imagens de divulgação dos sites das empresas de serviços póstumos da cidade, que apresentam a proposta da empresa e os serviços oferecidos; além das inúmeras fotografias que compõem a representação do morrer nas datas comemorativas da cidade, como o Dia de Finados.

Um tema importante, mas que ainda não se mostra “viável” para muitos estudantes e pesquisadores que evitam os temas relacionados ao morrer, resultando na relativa pouca produção sobre o tema. Em Uberlândia, a maioria dos documentos sobre as construções das necrópoles não são tão claros a esse respeito e o que se percebe é que a cidade, ou a valorização da memória dos mortos, está atrelada à ideia de progresso e seu desenvolvimento. O que fica claro nas discussões que seguem.

⁷MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Pela hora da morte estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia do Grupo Parque das Flores, Alagoas, UFP. 2009. 289 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade Federal de Pernambuco, Alagoas, 2009. ; ZAPATA, Cláudia Patrícia Zeles. Hacia una humanización de la empresa funerária. Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín (Colômbia), 2006.

Capítulo I

A morte: representações na história ocidental

*"A morte se tornou de mau gosto."*⁸

*"Os mortos estão sempre presentes entre os vivos, em certos lugares e certos momentos. Mas sua presença só é sensível aos que vão morrer."*⁹

Toda vida tem um fim, sendo assim a morte é a ausência de vida que chega para todos independente de suas condições sociais e culturais, mesmo que os ritos finais se diferenciem de acordo com estes fatores. O que mudam, de sociedade para sociedade, são as representações desta ausência. Para algumas religiões o falecimento é o começo de uma nova vida, portanto, não é o fim da existência, enquanto para outras a morte daria início ao sono eterno à espera do juízo final. Mas são as dúvidas sobre o *"além-túmulo"* e o que acontece quando as cerimônias se encerram que dão base para várias civilizações construírem seus mitos e crenças sobre o que ocorre no post-mortem.

Para Fernando Catroga¹⁰ pensar a morte é negá-la, pois, segundo ele, os homens não estão preparados para morrer, e se recusam a tomar consciência de sua finitude, interiorizando o desejo de se sentir imortal. O próprio processo de símbolos e ritos criados em torno da morte pode explicitar uma recusa a finitude humana.

Neste sentido, a morte não está ligada aos mortos, pois, eles já não existem, enquanto os vivos transformam este momento em memória, desenvolvendo para isto um *"processo civilizacional"* da morte, com símbolos e ritos a serem seguidos. A construção de cemitérios e a existência de túmulos são um símbolo do eterno que procura evitar o esquecimento, tornando-se também memória (recordação e comemoração).

Não há, portanto, sociedades sem ritos, estes encenam o morrer e a última passagem, tendo diferentes representações e práticas de acordo com a

⁸MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Op. Cit. P.13. p.39.

⁹ARIÉS, Philippe. O Homem diante da Morte. Op. Cit. P.12. p. 8.

¹⁰CATROGA, Fernando. O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Op. Cit. P. 12.

cultura, a crença e o imaginário, mas eles são principalmente uma forma de superar o trauma e a desordem que toda morte provoca aos familiares e amigos que sobrevivem.

Para Edgar Morin, o cuidado e a preocupação com os mortos distinguem os homens dos animais, pois para isso eles fazem uso da razão; a sepultura é resultado desta humanização, já que ela revela a preocupação do homem com a morte e com os mortos. Neste sentido ela não só esconde a putrefação do corpo, como também protege os vivos dos mortos e da repulsa que a morte causa.¹¹

A sepultura aparece aqui como contrária a natureza, pois esconde a realidade biológica do homem e mascara a finitude humana, se transformando em memória e em um prolongamento do indivíduo morto no tempo. O defunto é imortalizado com os ritos fúnebres, desde o funeral até a sepultura, a memória está presente nos signos, transformando-os no próprio morto.

Segundo Seixas a memória se movimenta em um determinado “*espaço-tempo*”, tendo “*identidade e movimentos próprios*”, portanto ela é móvel e “*seu movimento ao contrario, é antes de tudo o de prolongar o passado no presente*”¹². Sendo assim nas práticas de enterramento a memória prolonga a existência do defunto, imortalizando-o. Os signos funerários que se tornam memória, se imortalizam, pois, ainda segundo Seixas, a memória é projetiva, ela se lança em direção ao futuro, sendo um elo entre passado e futuro.

Desde a antiguidade, a memória era considerada uma virtude, uma forma de se conhecer e conservar o passado. O esquecimento passa a ser visto como negativo a partir de Aristóteles. Seixas observa em seu estudo como o esquecimento está ligado à memória, pois ela é “*fruto do acaso, permitido pelo esquecimento*”, ou seja, muito do que reconhecemos como memória, provém do esquecimento. Ambos têm assim a função de “atualizar” o presente e projetá-la ao futuro.

¹¹MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Op. Cit. P. 13.

¹²SEIXAS, Jacy A. de. Os tempos da memória: (des)continuidade projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? Op. Cit. P.13 p. 45.

“o esquecimento... não pode ser visto como uma falha da memória. Pelo contrário, o esquecimento alimenta-a, fecunda-a, pois a memória não reconstitui um passado vivido (o passado tal como foi vivido não pode ser jamais reencontrado), ela recria um passado diferente porque atualizado”¹³

Sendo assim, a morte e os signos fúnebres se dão a partir do movimento lembrar e esquecer. As datas que remetem à lembrança como o Dia de Finados, ou os ritos fúnebres baseados na morte barroca de Volvelle, e na morte domada de Ariès, também se constituem, a partir da lembrança constante, da memória do purgatório e do morto.

Atualmente o esquecimento da morte tem ganhado mais espaço, pois se antes não se permitia esquecer, hoje não se permite lembrar. As memórias são na maioria das vezes marcadas por signos como os cemitérios, os túmulos e as datas, surgindo a partir de momentos, de afetividade, e potencializando-se pela proximidade com o ente que se foi. A memória da morte é plástica, assim como o seu esquecimento. Não é possível se apagar completamente a lembrança da morte.

Para Le Goff memória é em seu conceito um *“fenômeno individual e psicológico, que liga-se à vida social”¹⁴*, tendo o poder de immortalizar e conservar informações que variam de acordo com o ambiente social e político. Neste sentido de memória que immortaliza, ele caracteriza o cristianismo como *“religião de recordação”*, que se utiliza da memória, ou da necessidade por lembranças, para difundir seus dogmas e estabelecer seu poder. Os túmulos são segundo ele, importantes manifestações da memória.

Ligada à memória está à consciência de que o homem tem da morte, mesmo que esta consciência seja em forma de negação, ele reconhece a morte e o horror causado por ela, assim mesmo pretendendo-se imortal, o homem se reconhece mortal. As cerimônias fúnebres são talvez um dos

¹³ _____ Comemorar entre memórias e esquecimento. História. Op. Cit. P. 13 p. 94.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Op. Cit. P.13

poucos momentos em que o homem se reconhece mortal, mas a pompa fúnebre dos ritos finais pode não representar as reais emoções provocadas pela morte, pois segundo Morin ela na verdade serve para provar à coletividade a angústia da partida.

“Assim a ostentação da dor própria de certos funerais, destina-se a provar ao morto a aflição dos vivos, a fim de garantir a benevolência do defunto.”¹⁵

Para Claudia Rodrigues *“a realização dos ritos funerários tem como função administrar a passagem que por não ser instantânea, é um trajeto, um percurso em direção a um destino definido – no caso do cristianismo permeado de provas e incertezas – que só terminam ao fim da celebração dos ritos mortuários que objetivam facilitar a viagem do morto”¹⁶.*

Philippe Ariès em sua obra pioneira na França sobre a morte, procurou apresentar as mudanças ao longo dos séculos nas atitudes do homem ocidental diante da morte. Seus estudos comprovaram, que na Idade Média, o mundo era familiarizado com ela, não era comum negá-la como hoje, o moribundo tinha consciência de seu fim, e se preparava para isto. A morte parecia ser simples, comum e familiar, o que não existe mais.

Esta morte foi denominada por Ariès como a “morte domada”, porque era anunciada, próxima e familiar. Desejava-se morrer cercado de pessoas, e nunca solitária e repentinamente, pois assim não seria permitido o arrependimento, e, portanto, a salvação da alma.

A morte anunciada, ao contrário, permitia que o moribundo se preparasse, tomando todas às providências necessárias à sua partida, como o reconhecimento e arrependimento dos pecados cometidos em vida, a busca da salvação da alma, o saudosismo com as coisas e pessoas amadas, além de permitir receber a absolvição sacramental.

¹⁵ MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Op. Cit. P.13 p. 27.

¹⁶ RODRIGUES, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos. Op. Cit. P.13 p. 176.

Hoje o que vemos é a “*morte selvagem*”, pois nos causa medo e espanto, ela tornou-se um tabu, assunto proibido e muitas vezes evitado. Existe, portanto, uma negação da morte, o moribundo é afastado socialmente, pois representa e lembra a finitude humana, e é na lamentação pela morte do outro que o homem toma consciência de seu próprio fim.

“Existem duas maneiras de não pensar a morte: a nossa, a da nossa civilização tecnicista que recusa a morte e a interdita, e a das civilizações tradicionais que não é uma recusa, mas a impossibilidade de pensar intensamente na morte, porque ela está muito próxima e faz parte excessiva da vida cotidiana”¹⁷

Michel Volvelle caracteriza este bem morrer como “*morte barroca, uma morte preparada, temida, exercício de toda uma vida dando lugar a um cerimonial público e ostentatório, seguido de todo um conjunto de ritos e prestações destinados, pelas obras, pelas missas e orações a assegurar a salvação ou a redenção a termo dos pecados do defunto*”¹⁸.

A “*boa morte*”, portanto, desde a Antiguidade era cercada de ritos e símbolos. Não deveria ser solitária, mas cercada de pessoas velando e cuidando para que o morto partisse com segurança, sendo que desde a preparação até o sepultamento não havia solidão devido a constante solidariedade de familiares e amigos. Mais que uma morte solidária, era um espetáculo. A morte era um acontecimento social, que não passava despercebido.

Para o cristão da Idade Média, o temor da morte estava ligado à crença do juízo final, para ele a “*boa-morte*” era partir com o perdão dos pecados. Neste período, a geografia do além era determinada pelo dualismo Céu e Inferno, bom e mau, por isso os homens não questionavam seu lugar social, por ser dado por Deus, ele deveria ser aceito sem questionamentos seguindo as normas sociais de seu testamento, o que garantiria sua salvação.

¹⁷ARIÉS, Philippe. O Homem diante da Morte. Op. Cit. P.12.

¹⁸VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 353.

Na segunda metade do século XII o Purgatório é adicionado ao imaginário da época, transformando a sociedade e modificando as perspectivas de salvação do homem.¹⁹ Ele surge como espaço intermediário entre Céu e Inferno, um intervalo entre a morte e o julgamento final, dando ao homem mais uma possibilidade de salvação. Mas além de temporário, ele também era um lugar de punição, onde os mortos sofriam provações.

Este sistema vai transformar a relação dos vivos com os mortos criando uma solidariedade entre eles, pois os vivos seriam responsáveis no auxílio para a salvação das almas de amigos e parentes mortos, por intermédio dos sufrágios: orar, celebrar a eucaristia e principalmente dar esmolas por intenção dos mortos. Estes por sua vez depois de conseguirem a salvação, intercederiam entre os santos e anjos para a salvação dos que por ele aqui se esforçaram.

Constitui-se a partir de então no imaginário cristão medieval a pedagogia do medo ligado ao Purgatório, pois a idéia de salvação dos mortos permitia à Igreja administrar as ações dos vivos em favor de seus mortos, passando a agir como intermediária entre vivos e mortos, e assegurando a memória dos mesmos.

A Igreja descobre assim, a importância da morte quando os bens terrenos passam a agir em favor da salvação do homem, estabelecendo para isto um contrato social, que permite o controle dos fieis como nunca antes. Os testamentos e o sistema de indulgência são provas deste controle, transformando-se nas fontes mais comum de enriquecimento e poder da Igreja.²⁰

Nessa época, as ordens mendicantes passam a instituir modelos de comportamento que devem ser seguidos, elas também passam a se responsabilizar pela assistência funerária e pela intervenção para a salvação das almas, ou da alma do indivíduo já que este ganha espaço com a criação do

¹⁹ LE GOFF, Jacques. O nascimento do Purgatório. Op. Cit. P.13.

²⁰ _____ e SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Op. Cit. P. 13.

Purgatório, pois ele passa a ser julgado a partir de seus atos praticados ao longo de sua existência.

A modernidade, a religião e a morte

Nos quadros da história ocidental, a modernidade se propõe como um grande projeto de construção do novo, de um novo homem que se refaz e se projeta como indivíduo, utilizando para isso a razão e a liberdade. Ao assumir a responsabilidade pelas suas próprias escolhas este indivíduo reconfigura o campo social, cultural e político de suas relações, deixando para trás a concepção de um caminho pré-determinado a seguir. Este homem moderno não descansa em uma busca constante do aperfeiçoamento humano.

O indivíduo moderno é, segundo Pico Della Mirandola, um homem camaleão, que se transforma de acordo com o exercício de sua liberdade, de acordo com suas escolhas e suas necessidades *“o homem é animal de natureza vária, multiforme e mutável (...) nascemos na condição de sermos o que quisermos.”*²¹ Este homem é diferente de todos os outros, e atende a um conceito de homem que vai contra o homem anterior, medieval, estratificado e previsível.

Ele se constrói na alteridade, em um movimento de extroversão quando ele se volta para o mundo com a intenção de conhecer o outro, o que significa conhecer a si mesmo, e introversão quando ele se volta para seu interior na tentativa de conhecer a si próprio. O sujeito – eu – opera no mundo, passa pelos outros, e assim conhece a si mesmo, sendo assim o eu-si. O sujeito moderno, portanto não existe fora das relações sociais, com o mundo e com o outro.

A era moderna exige que estes indivíduos façam mais do que acompanhar a evolução da sociedade, mas agir de modo a contribuir com esta evolução, se destacando, o que possibilita a existência de um tipo de competição entre os indivíduos, que visam o dinheiro e a fama como resultado de seu êxito e sua auto realização, resultado da busca por seus desejos

²¹PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução: Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa : Edição 70, 1989.

particulares. O individualismo renascentista foi, portanto, uma forma de individualismo baseado no egoísmo, já que o indivíduo só podia se realizar contra os outros.

A competição entre os homens para atingir seus objetivos e obter êxito, vai transformar a estrutura do caráter humano, que deixa de ser fixo e estável, e passa a ser uma escolha individual, podendo ser múltiplo, de acordo com o papel assumido pelo indivíduo moderno, que pode assumir vários papéis e ocupar lugares distintos na escala social. O conflito da esfera pública e privada aparece como consequência desta competição, e o uso das máscaras são até então ambivalentes, pois elas escondem e protegem, um jogo entre esfera íntima e privada, onde o indivíduo moderno joga com o uso da *“arte da dissimulação”*, do fingimento, principalmente com o uso da razão e de suas escolhas.

Este homem moderno que se desloca rumo à ciência moderna, que se pauta pelo empirismo, potencializa seu meio transformando suas relações sociais em relações racionais, que são segundo Foucault²² uma rede de relações instáveis e estáveis. Sendo assim, o indivíduo moderno está construindo relações individuais e sociais, portanto, relações históricas.

Até mesmo sua concepção divina se transforma já que segundo Mirandola a vontade divina é de que o homem possa ser tudo e fazer tudo. Ele é, portanto livre para fazer uso de seu maior bem, a razão. Esta nova mentalidade que deixa de ser teocêntrica tornando-se homocêntrica reconfigura o campo social, cultural, político e religioso das relações sociais do homem.

A partir dessa teoria o homem poderia criar e recriar o mundo constantemente, e conseqüentemente, também se criar e se recriar, por isso a necessidade de se criar freios sociais responsáveis por brejar e manter em “ordem” o homem nesta sociedade “artificial”. A razão e a liberdade possibilitam o aperfeiçoamento humano, e logo a idéia de progresso surge e se coloca em todas as áreas da sociedade.

²²FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Estabelece-se uma nova relação com a religião, com tendências à desmistificação desta, resultando no século XVI na Reforma Protestante e na Contra Reforma Católica. Com a possibilidade de desintegração dos dogmas, os homens começam a procurar caminhos diretos para Deus, cortando o cordão umbilical que os mantinham presos às Igrejas. Segundo Ariès, houve *uma “passagem voluntária a de uma religião medieval onde o sobrenatural prevalecia, à uma religião moderna, onde a moral dominou.”*²³

O aparecimento pluralista de novos valores e sentimentos morais que ultrapassam o anterior dualismo bem e mal são muito importantes para a construção desta nova sociedade, pois possibilita que o indivíduo moderno faça sua própria leitura de mundo. Sentimentos outros como a simulação estarão presentes nas relações sociais, sendo que os sentimentos morais e os valores ordenadores tornam-se relativos, deixando, portanto de serem absolutos.

Mas mesmo com a modernidade, quando o homem “reordena” suas relações sociais, políticas, culturais e religiosas se colocando como indivíduo racional e fragmentado, o temor da morte ainda persiste, mas em forma de negação, individualizada e cada vez mais distante. Nos dias atuais há uma maior exclusão da morte e dos moribundos da vida social.

Segundo Norbert Elias, há um desconforto sentido pelos vivos, em relação à morte e aos moribundos, já que estes estão diretamente ligados à morte²⁴. Há um constrangimento com as situações que envolvem sentimentos que vão além da capacidade do homem controlar (morte), isso porque já há algum tempo a morte deixou de ser “comum” a todos, e passou a ser algo quase “proibido”.

A morte causa constrangimento, por isso evita-se o assunto morrer e qualquer outro que tenha relação. As transformações sociais com o tratamento do corpo e da sepultura, além da individualização social do homem e dos ritos, são ao fim e ao cabo, a constante negação do morrer. Até mesmo os novos

²³ Ariès, Philippe. O homem diante da morte. Op. Cit. P.13

²⁴ ELIAS, Norbert “A Solidão dos Moribundos”. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

modelos de cemitério de campo – jardins floridos que tornam invisíveis covas e túmulos - são para afastar qualquer lembrança da finitude do homem.

*"E a solenidade com que funerais e túmulos são cercados, a ideia de que deve haver silêncio em torno deles, de que se deve falar em voz abafada nos cemitérios para evitar perturbar a paz dos mortos, tudo isso são realmente formas de distanciar os vivos dos mortos, meios de manter à distância uma sensação de ameaça."*²⁵

A modernidade contribuiu, portanto, com as transformações dos signos e ritos funerários, modificando a relação entre vivos e mortos, separando-os, e é a partir daí que, segundo Le Goff, os homens descobrem a morte, e dedicam a ela e aos funerais toda a importância antes devotada aos mortos.²⁶

O "Bem Morrer" no Brasil

No Brasil, o historiador João José Reis, em pesquisa publicada em 1991, observa estas transformações sobre o morrer no movimento da "Cemiterada," em Salvador, nos meados do século XIX, uma revolta contra a lei que proibia o tradicional enterro no interior das igrejas. A nova lei concedia o monopólio dos enterros a uma empresa privada, ou seja, transferia a "arte do bem morrer" para companhias privadas, com intenções de retirar o direito eclesiástico dos tradicionais ritos fúnebres.²⁷

Esta lei que propunha a secularização sobre os enterramentos se fundamentava na "doutrina dos miasmas," que defendia a ideia de que as matérias em decomposição formariam gases prejudiciais à saúde dos vivos. No Brasil esta preocupação só começou a se tornar real depois da metade do século XIX, diferente dos países europeus como a França, que desde o século XVIII sob os ideais do Iluminismo, procurou se pautar pela racionalização, transformando seus hábitos e costumes diante da morte e dos mortos.

Como consequência destas transformações, a morte desejada deixa de ser a pública, comum e pomposa, passando para uma morte privada e individual,

²⁵Ibidem p. 40.

²⁶ LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Op. Cit. P.13.

²⁷ REIS, João José. A morte é uma festa. Op. Cit. P.13.

respeitando assim os desejos pessoais de cada morto. Ariès define esta nova mentalidade como “morte selvagem” em oposição à “morte domesticada”, pois ela coloca em cena o indivíduo, seus desejos e principalmente suas particularidades.

O desenvolvimento da ciência ocidental contribuiu, portanto, para a separação entre os homens e os mortos, já que defendeu a idéia de prejuízo aos vivos causados pela proximidade com os moribundos e com os defuntos que poderiam exalar malefícios. Surgiu, a partir de então, uma preocupação social com a limpeza e a organização das cidades, iniciando em todo século XIX campanhas a favor da salubridade pública.

Segundo Reis, uma intensa campanha sanitaria foi feita na época da Revolução Francesa, resultando em algum tempo na transferência e desativação de muitas necrópoles na Europa. Este processo de reforma cemiterial deu início a um novo tipo de culto aos mortos, com o planejamento de cemitérios jardins e principalmente com a construção de túmulos individuais e jazigos familiares, contrastando com o antigo costume de covas comuns.²⁸

Pensar a morte a partir do indivíduo representa, segundo Ariès, uma ruptura definitiva com o passado, já que transformaria a memória do morto em eterna.²⁹ Este novo modelo vai inspirar os que ainda estão presentes na nossa cultura. Os rituais de morte, em meados do século XIX, vão aos poucos deixando de ser fenômenos coletivos e passam a ser íntimos e familiares, com um culto individualizado, reservado aos familiares.

No entanto, aqui no Brasil, em algumas regiões como Salvador, houve resistência por parte da população e da Igreja em cumprir as novas leis que visavam a salubridade pública, formando o que Reis caracterizou de “protestos fúnebres”. Isto porque na Bahia, na primeira metade do século XIX, ainda predominava o “funeral barroco”, caracterizado pela pompa e luxo.³⁰

²⁸ Ibidem

²⁹ Ariès, Philippe. O homem diante da morte. Op. Cit. P.13.

³⁰ Idem p. 85.

Mas, junto aos costumes funerários de molde ibérico, havia também a forte influência da cultura fúnebre africana e, embora muitos ritos e crenças do além túmulo fossem distantes e muito diferentes, eles se aproximavam quando o assunto era a importância dada ao tratamento de seus mortos. De acordo com Reis “tanto africanos como portugueses eram minuciosos no cuidado com seus mortos.”³¹

Pode-se afirmar que a “boa morte” no Brasil era a “morte domada” de Ariès, ou a “morte barroca” de Volvelle, com que o indivíduo prevê seu fim e planeja sua própria morte. O temor da morte neste período era o de que o defunto não tivesse seus ritos finais, correndo o risco de sofrer por muito tempo, junto as almas penadas no Purgatório, por isso a importância dos testamentos, pois estes davam aos moribundos esperança de boa morte.

Segundo Reis, com a chegada dos últimos momentos de vida havia uma manifestação social que começava ainda no leito do moribundo. Aqui neste período as irmandades ainda eram responsáveis por cuidar dos ritos fúnebres, formando uma “milícia celestial”, que guardavam o “bem morrer” evitando assim “uma morte indigna”, para isto existia rituais de solidariedade entre os irmãos, com regras que estabeleciam os devidos cuidados com os mortos.³²

O governo apoiava estas irmandades, cumprindo assim seu dever de cuidar do bem morrer de seus cidadãos, pois este era um direito garantido na constituição do Império. Neste período, o catolicismo romano era a religião oficial do país³³, sendo, portanto, as doutrinas da Igreja Católica assuntos indispensáveis do Império, um deles o “bem morrer”.

Isto movimentava não só a vida social, mas também as relações econômicas, que tinham influência direta da religião oficial do Estado. O morrer

³¹ Idem p. 90.

³² Idem p. 110.

³³ Mesmo o país sendo oficialmente católico, desde 1824, a constituição garantia um princípio de liberdade religiosa. A separação entre Igreja e Estado só aconteceu com a proclamação da República e a promulgação da Constituição de 1891, assegurando até hoje a liberdade religiosa, e proibindo a existência de “igrejas estatais”. Foi também no início do século XIX no Brasil que se iniciou o processo de separação das Igrejas dos cemitérios, o qual tratarei como secularização dos cemitérios ou da morte, pois este é um termo de difícil significado, o qual muito autores já definiram em extensas discussões, Claudia Rodrigues por exemplo dedicou um capítulo de seu trabalho para defini-lo.

era uma das principais vias de movimentação econômica e social, pois desde a mortalha até a encomendação das missas geravam lucros nas receitas, que beneficiavam não só a Igreja, mas também o Governo Imperial.

A importância dada a cada detalhe dos ritos finais fazia dos funerais acontecimentos sociais importantes, verdadeiros espetáculos, uma “festa fúnebre”, pois, quando toda a sociedade estava envolvida era um acontecimento para os vivos, por isso a necessidade de expectadores.³⁴

No entanto, com o processo de secularização da morte e da vida social, a Igreja lentamente enfraqueceu seu controle e poder nos ritos de passagem.³⁵ O cuidado das sepulturas foi passando para a responsabilidade dos familiares, que, muitas vezes, transformaram os momentos de visita em ritos de lembrança. O culto dos mortos foi transformado em memória, que, segundo Catroga “é um conjunto de recordações e de imagens, uma leitura atual do passado”³⁶. É nela que os mortos existem e é a partir disso que os símbolos, ou monumentos, como representações do corpo, assumem a representação e o desejo do eterno.

O monumento atua sobre a memória, pois tem como função principal preservá-la, ele é memória³⁷. O túmulo é um monumento que procura ser imortal construído em memória de alguém, luta contra o que o corpo humano não pode, o tempo. Mas ele é mais que uma lembrança, pois também camufla a putrefação do corpo. Como um símbolo funerário, existe na tentativa de simular o morto, representando o desejo de ser eterno, ele o imortaliza e lembra a finitude humana, portanto, tem a dupla função da memória, que é também de recusa e esquecimento.

O túmulo é um signo funerário que induz à representação da conservação do corpo, que esconde o temor da putrefação e da decomposição do mesmo. Um monumento, que revela a memória dos que se foram, sendo um lugar ambíguo, de adeus e de separação, e, ainda assim de lembranças,

³⁴ REIS, João José. A morte é uma festa. Op. Cit. P.13 p.138.

³⁵ RODRIGUES, Cláudia. Nas fronteiras do Além. Op. Cit. P.13.

³⁶ CATROGA, Fernando. O céu da memória. Op. Cit. P.12 p.14.

³⁷ Ibidem

por isso ele é carregado de símbolos. É um espaço sagrado, privado, familiar e público, ao mesmo tempo.

Segundo Philippe Áries, depois do século VI os mortos deixam de significar repulsa, tornando-se, elementos sacralizados, já que as sepulturas preservariam o corpo para a ressurreição e a proximidade dos santos significaria proteção e alívio dos pecados. Ao longo das centúrias da história do ocidente, os cemitérios tornam-se lugares sagrados e muito frequentados.

Os cemitérios modernos costumam ser conhecidos como a “cidade dos mortos”, por serem planejados e construídos de acordo com a cidade dos vivos, com ruas e sepulturas numeradas e túmulos e jazidos que representam a morada do morto. Também movimentam negócios e desenvolvem a economia; apresentam em seu interior diferenças sociais de acordo com o poder aquisitivo dos sujeitos, com um lugar central e privilegiado (destinado a elite) e um espaço “comum” e periférico, representando, desse modo, o reflexo de nossa vida cotidiana.

Apesar das diversificações sociais e políticas, o cemitério sob a responsabilidade do Estado, tornou-se a “casa comum” de todos os setores da sociedade, mesmo que em alguns cemitérios a dinâmica e ornamentação das sepulturas revelem uma diferença de posição social. E mesmo depois da secularização dos cemitérios (separação entre Igreja e cemitério) no Brasil ainda haverá uma grande representação das simbologias cristãs nos ritos fúnebres, como a posição dormente do corpo do morto, que espera a ressurreição para nova vida, ou a utilização de símbolos religiosos, como a cruz, principal elemento de representação dos túmulos.

Capítulo II

Espaços de circulação: a cidade e o progresso

“Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais.”³⁸

Do latim *Civita* a palavra cidade pode ser definida como complexo demográfico formado social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola e dedicada à atividade de caráter mercantil, industrial financeiro e cultural³⁹. Segundo Lewis Mumford, em seu estudo sobre a cidade na história, a busca por segurança, fez com que os homens se fixassem e se organizassem socialmente.

O culto aos mortos e aos deuses seria a principal característica exclusiva dos homens, e o principal motivo para sua fixação, resultando na formação das futuras cidades. Isto porque, para Mumford os mortos foram os primeiros a terem “morada permanente”, a cidade então começa segundo o autor, como um ponto de encontros periódicos, para mais tarde tornar-se residência fixa.⁴⁰

A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades dos vivos.”⁴¹

As cidades e as representações para o urbano se transformaram com as inovações, sendo que a modernidade foi fundamental para estas modificações, já que atrelado ao desejo de descobrir o mundo através da ciência, estava o início da ideia de progresso. As revoluções sociais e tecnicistas vão acelerar este processo e alterá-lo, dando uma nova perspectiva para as cidades e as sociedades.

No Brasil, a Igreja teve grande importância na constituição e formação das cidades, que se estruturavam no Cristianismo, sendo que as construções

³⁸ MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Op. Cit. P.13 p.13.

³⁹ Sobre o significado de cidade ver: <<http://www.priberam.pt/dlpo/cidade>>. Acesso em 11/02/2014.

⁴⁰ Ibidem MUMFORD, Lewis. p. 15

⁴¹ Idem p.16

das ermidas foram o primeiro passo para a consolidação dos povoados. Estas eram construídas em seu entorno, colaborando para que toda vida social passasse ao redor das igrejas. Viviam-se e morria-se ali, pois aquele era o lugar de movimento.

A partir do século XIX, a cidade passa a ser compreendida como espaço de experimentação e de aplicação dos pressupostos da modernidade, onde se colocam em prática os discursos médicos, sanitaristas, higienistas e de progresso. Richard Sennett, no livro *Carne e Pedra*, procurou compreender a partir do corpo humano a constituição do espaço urbano, a arquitetura e as constituições sociais. Segundo ele, *“a cidade tem sido um locus de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem.”*⁴²

Ele sugere que a obra de Willian Harvey, sobre a circulação do sangue e a respiração, escrita em 1628, revolucionou a ciência e a sociedade – que também passava por transformações com o advento da modernidade e do individualismo. Este estará até mesmo nas novas concepções sobre o corpo – já que favoreceu *“mudanças de expectativas e planos urbanísticos em todo o mundo.”*⁴³ A circulação e a liberdade passaram a direcionar as novas construções, influenciando até mesmo a economia.

*“Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais as hemácias e leucócitos no plasma saudável. A revolução médica parecia ter operado a troca da moralidade por saúde (...). Estava criado um novo arquétipo da felicidade humana.”*⁴⁴

Com as descobertas dos herdeiros de Harvey, a sujeira tanto do corpo, quanto do espaço urbano passou a ser vista como prejudicial ao homem, agora ambos deveriam se constituir a partir da ideia de limpeza e circulação, de movimento. O espaço urbano passa a ser elaborado a partir da mobilidade do indivíduo, do ar que circula, da manutenção da ordem e da salubridade. Estes eram preceitos modernos, o que fez com que várias capitais e cidades fosse reformuladas rompendo com o padrão antigo que não priorizava o movimento.

⁴² SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Op. Cit. P.13 p.24.

⁴³ Idem P.214.

⁴⁴ Idem P.214

Para esta nova arquitetura urbana não existiam limites e nem obstáculos, estes eram movidos, tapados e até mesmo destruídos de acordo com a necessidade dos novos projetos, que por sua vez priorizavam o trânsito rápido, seja dos indivíduos ou das carruagens, e logo dos automóveis. Estes projetos alinhavam e “endireitavam” todo plano urbano, sendo que as inovações técnicas contribuíam com estas transformações oferecendo maior conforto e comodidade para a população e maior liberdade ao indivíduo.

Portanto, com a modernidade e uma nova compreensão sobre o homem, a sociedade e a economia também vão ser alteradas, transformando-se em um ritmo cada vez mais frenético, tornando-se móvel e mutável, tal qual o homem. Neste sentido, as cidades também “*sucumbiram à força da circulação*”⁴⁵, elas passam a ser pensadas para proporcionar aos cidadãos uma experiência sociável.

As crenças iluministas sobre a importância do deslocamento e da circulação e as novas relações de mercado transformam a sociedade e, aos poucos o homem se distancia das “*crenças cristãs da necessidade da caridade e do altruísmo*”⁴⁶. Os problemas sociais do “outro” deixam de serem percebidos, surgindo o comportamento “Blase”, onde os problemas sociais se tornam, gradativamente, situações comuns do espaço urbano.

Este é um processo que individualiza ainda mais o indivíduo, a partir das incertezas colocadas pela sociedade que está em movimento constante, alterando as relações sociais que se tornam móveis e descartáveis. Nesta sociedade nomeada por diversos autores como, pós-moderna, o homem deixa de ser e passa estar, devido ao estado de constante transformação, passível de mudanças. Segundo Bauman esta sociedade:

“*divide em vez de unir, e como não existe jeito de dizer quem sobrevivera a essa divisão, a ideia de interesses comuns fica ainda mais nebulosa e por fim se torna incompreensível (...) medos, ansiedades e tristezas são feitos de tal modo que devem ser sofridos sozinhos.*”⁴⁷

⁴⁵ Idem P. 215

⁴⁶ Idem P. 217

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada: vidas cotidianas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008. P.36.

As reformas urbanas no Brasil, que projetavam as transferências cemiteriais, parecem estar em sintonia com esta nova sensibilidade da circulação e do movimento. Para Nascimento⁴⁸, as teorias e os discursos higiênicos deveriam ser colocados, pela historiografia, em segundo plano nos quadros explicativos para a construção das novas necrópoles. Para esta autora o desejo das reformas urbanas, do século XIX, no Brasil, basearam-se muito mais no desejo de circulação dos espaços, do que propriamente nas preocupações higiênicas ou teorias miasmáticas.

Rezende⁴⁹ defende a ideia de que não houve no período nenhuma pesquisa científica concreta dos malefícios causados pelos sepultamentos realizados no interior das igrejas, ou nas proximidades da vida urbana. As transferências se deram segundo esse estudioso, unicamente pela crença na circulação como ideal de modernização urbana.

Nascimento também defende que, os discursos higienistas do início do século XIX foram usados como explicações para viabilizar as transformações urbanas, sociais e econômicas no Brasil. Contudo, ainda existe uma forte tendência historiográfica em relacionar as transferências dos cemitérios, apenas nestes discursos higienistas.

*"Minha perspectiva se coloca no sentido de situar os cemitérios extramuros como reformas que acabaram reafirmando as diferentes formas de culto e afetividade com os mortos e, sobretudo, esta nova compreensão do urbano. Esta via de análise para a separação entre vivos e mortos é ainda pouco valorizada – senão ausente – na historiografia brasileira, cuja tendência dominante é a de identificar e localizar a transferência dos mortos apenas dentro dos quadros das políticas de saneamento e higienização do espaço urbano ou de normatização da sociedade."*⁵⁰

É possível afirmar, ainda, que as transformações urbanas são efetivadas a partir do desejo de progresso e modernidade e, é seguindo este desejo modernizante, que a classe dominante presente na política do país, cria um "projeto de nação" que passa por várias fases e governos, contando até mesmo com o apoio e colaboração dos intelectuais, que se unem para definir a Nação e o povo brasileiro. Neste sentido, as cidades também têm papel

⁴⁸ NASCIMENTO, Mara Regina do. Op. Cit. P. 13.

⁴⁹ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Cemitérios. Op. Cit. P. 13.

⁵⁰ NASCIMENTO, Mara Regina do. Op. Cit. P. 13. p.303.

fundamental, já que elas seriam responsáveis por integrar o país ao mundo moderno. O planejamento e projeto das mesmas eram, portanto, frutos deste ideário nacionalista e modernista, amparado em discursos que lhe certificavam o sentido desta modernidade.

Segundo Bomeny em seu trabalho *“Utopias de cidade: as capitais do modernismo”*, a modernidade é um processo em permanente construção, e deve ser pensada como um processo que está sempre se redefinindo. Portanto há a necessidade de considerar os atores políticos e a relação entre espaço e poder e, é justamente por desconsiderar esta relação, que muitos projetos se tornam utópicos.⁵¹

Estes projetos de cidades visavam alcançar a modernidade a partir de uma ordem inscrita, previsível e planejada, como um sonho urbano de razão com relações sociais universais. Utopias que se transformaram em planos incompletos por não representarem o projeto inicial. Isto acontece, segundo ela, pois não é possível considerar apenas o projeto urbano. Este deve ser associado ao político, pois no final são as práticas das relações sociais, em sua maioria, de poder, que vão se sobressair definindo, assim, o cenário das mesmas.⁵²

E, seguindo este desejo de se tornar moderno, a cidade de Uberlândia, localizada no Triângulo Mineiro, vem construindo um discurso que é interiorizado pela população desde o final do século XIX. Este discurso progressista é para alguns autores, um dos principais componentes da identidade da cidade. E é a partir destes discursos, que se fez necessário analisar como o desejo da elite da cidade de sempre fazer melhor, estando sempre à frente, alterou o cenário urbano e redesenhou as práticas fúnebres da cidade.

⁵¹BOMENY, Helena. *Utopias de cidade: as capitais do modernismo*. Op. Cit. P.13.

⁵² Ibidem

Uberlândia, uma cidade em eterno progresso.

Segundo Dantas,⁵³ este discurso progressista de cidade ideal e moderna, é um projeto político, que define mais do que a cidade que se pretende, representa os sujeitos que o elaboraram. A cidade dos planos é, portanto, a representação do desejo da elite Uberlandense, que desde os fins do século XIX e início do XX, dominam a política, a história e a memória. Isto porque para construir a imagem desejada, os grupos dominantes selecionam a memória que querem conservar.

Para Le Goff, a memória é essencial para a formação da identidade seja ela individual ou coletiva, sendo que o uso desta memória coletiva foi e ainda é objeto importante na luta pelo poder⁵⁴. Segundo ele,

*“tornar-se senhores da memória e do esquecimento, é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominavam e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.”*⁵⁵

Já para Seixas, a memória individual ou coletiva se constitui a partir das representações sociais do presente, por isso os “grupos sociais” podem “constituir e reconstruir o passado e suas memórias”, resultando muitas vezes na deformação da mesma.

*“A memória - seja ela individual ou coletiva – parte do presente, do sistema de s e representações gerais, ‘da linguagem e pontos de referência adotados pela sociedade,’ apoiando-se pois, incessantemente na solidez conferida pelos quadros de memória social. Assim os diversos grupos sociais, são capazes constantemente de construir e reconstruir seu passado, suas memórias. Mas adverte Halbwachs (1994, p 289) frequentemente ao mesmo tempo que eles o reconstróem, eles o deformam.”*⁵⁶

Em Uberlândia, a constituição da “memória urbana” contou com o apoio da classe dominante aliada à imprensa, que colaborou não só com a construção da memória, mas também com seu acúmulo. O processo histórico

⁵³ DANTAS, Sandra Mara. A fabricação do Urbano. Op. Cit. P.12 p.16.

⁵⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Op. Cit. P.13

⁵⁵ Idem p. 422

⁵⁶ SEIXAS, Jacy A. de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado. Op. Cit. P.13 p. 101.

da cidade está, portanto, ligado à idéia e ao desejo de progresso e modernidade, sendo que os discursos sobre Uberlândia foram todos construídos e constituídos em torno da noção e hiper valorização do desenvolvimento material e técnico, seguindo este conceito de urbano, que surge em 1860, como modelo para as cidades ocidentais. É possível, dessa maneira, perceber a cidade a partir da noção de indivíduo e individualismo, pois o urbano se coloca como um espaço *dinâmico*.⁵⁷

*“A cidade é e sempre foi dinâmica e continua em processo evolutivo. Ela é uma representação física de elementos culturais que configuram no final das contas, o próprio ser humano.”*⁵⁸

De acordo com uma historiografia tradicional, que reflete os discursos encontráveis em jornais do início do século XX, o arraial de São Pedro do Uberabinha, futura Uberlândia, nasceu dentro das sesmarias ocupadas por João Pereira da Rocha, José Joaquim Carneiro, José Alves de Rezende, Francisco Rodrigues Rebelo, Demétrio José de Andrade e Joaquim Pereira Rocha. A princípio as famílias pretendiam viabilizar e facilitar algumas transações políticas e econômicas, por isso a necessidade de elevar o povoado a distrito.⁵⁹

Para isso, ainda segundo esta mesma linha historiográfica, Francisco Alves Pereira e Felisberto Alves Carrejo pediram licença para erguer uma capela, já que esta seria necessária para a transformação do povoado em distrito e futuramente em município. A aprovação foi concedida em 30 de junho de 1846, mas a Capela só foi inaugurada em 1853 com o nome de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião. Em 31 de agosto de 1888 devido a “*sua condição sócio econômico e por possuir uma população aproximada de 14 mil habitantes*” o distrito foi elevado à categoria de município.⁶⁰

⁵⁷ MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Op. Cit. P.13

⁵⁸ BARROS, José D'Assunção. Cidade e História. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.

⁵⁹ PEREIRA, Oscar Virgílio. Das sesmarias ao pólo urbano. A formação e transformação de uma cidade. 2010.

⁶⁰ SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: Anotações sobre seu crescimento Urbano. In: Cadernos de História. p.50

Segundo Rodrigues, em seu artigo *"Nas Sendas do Progresso: Trabalho e disciplina. Uberlândia, Um Percurso Histórico"* ⁶¹, a cidade contou com a ajuda de "três madrinhas": política, imprensa e polícia, que viabilizavam e garantiam a ajuda dos "três padrinhos", indispensáveis para o crescimento e urbanização da cidade. A estrada de ferro Mogiana de **1885** que ligava São Paulo ao Triângulo Mineiro; a ponte Afonso Pena, de 1910, que ligava o Triângulo Mineiro ao Sul Goiano, e a Rede Mineira de Viação Intermunicipal de 1912, que ligava a cidade à Ituiutaba e cidades paulistas da fronteira. Nas palavras da autora, eram:

*"três madrinhas a política, a imprensa e a polícia que garantiam a ajuda dos três padrinhos: Companhia Mogiana, a Ponte Afonso Pena e a Companhia Mineira Auto Viação Intermunicipal."*⁶²

As pesquisas de Rodrigues, levam-nos a acreditar que, em virtude de um discurso normatizador, pautado na ideia de ordem e progresso, a administração da cidade, apoiada pela imprensa e contando com auxílio dos controles repressivos, como a polícia, que controlava a cidade e seus habitantes, procurando inserir todos os setores da vida social no projeto urbano e moderno.⁶³

Nos anos de 1907 e 1908, a Administração Municipal encomendou os serviços de um engenheiro, para planejar um novo traçado urbano. Mellor Ferreira Amado ficou responsável por inserir a, até então, cidade de Uberabinha, nos moldes da modernidade e do progresso, já que ainda no século anterior, no ano de 1885, esta cidade havia recebido a estação Mogiana.⁶⁴

A preocupação com a urbanização da cidade já existia desde o início do século, e as transformações realizadas, almejando um novo traçado urbano, seriam elogiadas anos depois; por se tratarem de largas e bem elaboradas avenidas, que mesmo sendo planejadas e construídas no "tempo das carroças

⁶¹ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Nas Sendas do Progresso: Trabalho e disciplina. Uberlândia, Um percurso histórico. In: Cadernos de História.

⁶² Idem p. 9

⁶³ Idem p. 12

⁶⁴ SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: Anotações sobre seu crescimento Urbano. Op. Cit. P.36 p.51

e carros de bois” seriam úteis e muito apropriadas com a chegada dos automóveis, um símbolo do moderno.

É importante salientar que este planejamento urbano foi pensado apenas para o centro e regiões de moradias específicas da elite, sendo que as vilas e os subúrbios se formavam afastados destes núcleos urbanos e eram, em sua maioria, construídos sem nenhum planejamento e em conexão com as indústrias.

Dantas reafirma este ideal e procura definir como ocorreu a construção do “imaginário progressista” em Uberlândia. Segundo ela, para concretizar este ideal foi “forjado” na primeira metade do século XX, o discurso de uma Uberlândia moderna e civilizada. Discurso que ainda desenha a identidade da cidade e da população até a atualidade, pois é esta a imagem divulgada e mantida pela elite, empresários e administradores da cidade.⁶⁵

Esta imagem progressista foi interiorizada por muitos uberlandenses e “uberlandinos”, que carregam como uma marca identitária este sentimento ufanista.⁶⁶ Ufanismo que tem acompanhado os moradores como se a cidade houvesse nascido com “vocação para o progresso”. E é a partir desta imagem que foram e ainda são feitas, as transformações e os investimentos urbanos.

Ainda segundo Dantas, o desejo de conquistar o moderno a partir do ideal progressista não foi fenômeno exclusivo de Uberlândia, já que a chegada do século XX trouxe consigo várias “remodelações” sociais, políticas e econômicas para o país. Várias cidades compartilhavam o mesmo desejo, sendo que progresso e modernidade estavam em alta neste período. O que destaca algumas regiões do país é o resultado obtido com a busca pelos anseios progressistas, já que estes se diferenciaram de acordo com cada região e principalmente com o projeto desenvolvido.

Sendo assim, existe por parte de alguns intelectuais, a concepção de que em Uberlândia o ideário modernista obteve resultado, mesmo que para

⁶⁵ GOMIDE, Leila Regina Scalia. O Triângulo Mineiro: História e Emancipação – Um estudo sob a perspectiva da História Regional. In: Cadernos de História. p.19.

⁶⁶ Idem p.19

isso o poder público tenha procurado, por um longo período, escamotear as desigualdades sociais e os problemas urbanos. Aqui a cidade aderiu de fato aos anseios modernos, e desenvolveu seus projetos político, econômico, urbano e cultural, pautados na ótica do progresso.

É importante compreender como estes discursos influenciam nas transformações da cidade, principalmente no planejamento urbano, que sempre se pretendeu moderno. Esses discursos vão influenciar a desativação de quatro dos seis cemitérios construídos na cidade, os quais muitos moradores desconhecem a existência, pois não existe por parte da administração pública nenhum interesse com a conservação da memória dos mesmos, por isso os registros sobre estes são escassos.

Os cemitérios e a morte nos espaços urbanos de Uberlândia

A palavra cemitério vem do grego Koumetèrion referindo-se ao lugar que se dorme. Ela foi apropriada, segundo Rezende⁶⁷, pela Igreja Católica com a reinterpretação de que os mortos dormiriam até a ressurreição, por esse motivo surge a ideia de lugar de “descanso eterno”. Os cemitérios como conhecemos atualmente são uma herança de influência cristã da Idade Média, que como já vimos no primeiro capítulo, foi o período em que se deram início dos enterramentos dentro das Igrejas.

Com a modernização e a secularização do morrer, os cemitérios ganharam também novas configurações. Hoje podemos defini-los de acordo com sua estrutura, se é municipal ou particular, ou ainda de acordo com a classe social e religiosa (se pertence a alguma religião). No Brasil, os mais comuns são os cemitérios tradicionais, o de campo ou jardim e, os cemitérios verticais e populares. Em algumas cidades como São Paulo existe mais de uma categoria, como as necrópoles privadas, a municipal, e também as de ordem religiosa.

Com a secularização do “morrer”, e com a implantação dos projetos urbanos no Brasil do início do século XX, os cemitérios passaram

⁶⁷ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Cemitérios . Op. Cit. P.13.

paulatinamente, a serem afastados dos templos religiosos e do convívio entre os vivos. Este afastamento é um processo visível na cidade de Uberlândia, pois apenas a primeira necrópole foi construída no entorno da capela, sendo os demais construídos fora do núcleo urbano da cidade.

O primeiro cemitério do ainda arraial São Pedro do Uberabinha, foi construído ao redor da capela Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião, localizada onde hoje fica a Biblioteca Municipal, sendo que em 1881 *“sob a direção do Vigário Dantas, apoiado por Frei Paulino, a comunidade se juntou para construir um novo cemitério, depois que o cemitério do Largo Matriz ficou saturado.”*⁶⁸

O segundo cemitério foi construído onde hoje é a Praça Clarimundo Carneiro, e desativado pouco tempo depois em 1898, mas somente em 1915 alguns túmulos foram transferidos e outros “deixados”, onde estão até hoje. Com a desativação do segundo cemitério em 1898, houve a criação de um novo, o terceiro, onde é hoje a Vila Militar do Exército no bairro Tabajaras.

O Cemitério São Paulo conhecido popularmente como “cemitério dos pobres”, estava localizado onde hoje é a Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, conhecida como Universidade da Criança. Esse cemitério era destinado ao sepultamento de pobres e indigentes, sendo desativado no final dos anos de 1980. A documentação sobre estas quatro necrópoles da cidade é escassa, como se no passado elas não fizessem parte da cidade, não apresentando portanto grande importância.

Com a “demolição” destes espaços, onde “restos mortais foram deixados” para trás, parece ter havido uma seleção entre a população. Aqueles de melhor condição financeira teriam direito à preservação do nome de seus familiares sepultados. Aqueles de baixa condição social e econômica, no entanto, perderiam este direito à memória, posto que não puderam enterrar seus entes no novo cemitério. Para estes últimos, a lembrança dos mortos que foram deixados se perdeu em meio às pedras e ao tempo. Muito do que se

⁶⁸PEREIRA, Oscar Virgílio. Das sesmarias ao pólo urbano. Op. Cit. P. 36.

sabe é o que se ouve dos antigos moradores, que testemunharam a “a transformação do morrer”, que aqui também se pretendia moderno.⁶⁹

Isto porque, sempre preocupados com a estética da cidade, a administração pública vem “selecionando” os melhores prédios antigos que, dentro da ótica moderna, representam a história da “cidade do progresso”; e demolindo os que já não se enquadram nos planos urbanos, que se apresentam no decorrer da constituição da cidade.

Este discurso sobre o progresso urbano, pode ser percebido na reportagem do jornal “A Tribuna” de 1920, intitulada “Cyprestes” sobre a necessidade de aumentar o espaço destinado aos enterramentos, e principalmente da necessidade de enquadrar a cidade dos mortos, no moderno projeto urbanístico que “*embeleza a cidade*”.

A TRIBUNA ⁷⁰ – 19/09/1920. Redator: Agenor Paes

“Cyprestes”

“O nosso cemitério, ao que se ouve algumas pessoas autorizadas e ao próprio coveiro Jorge está petição de miséria e já não se pódenelle abrir uma cova sem encontrar despojos frescos. Isso constitue uma deshumanidade sob todos os pontos de vista. É uma falta de compreensão dos nossos poderes públicos, que não podem admitir o embelezamento da cidade dos vivos em prejuízo da dos mortos. (grifo meu)

Enquanto se enfeita a nossa vivenda dotando-a de calçadas, passeios, exgotos e o diabo a quatro, as ossadas humanas são da outra banda, a dois ou três passos da nossa vaidade, esotas pela nossa profanação deshumana. (grifo meu)

Arcam ao sol, para darem lugar a outro infeliz, ossos daquelles que, se na vida nenhum conforto tiveram muito menos terão na morte dentro de um quadrado insussuficiente para contel-os e são atirados d'aqui para ali como as carcaças irracionaes. Urge que os nossos poderes tomem serias providencias a respeito do nosso cemitério.

Não é só no dia 2 de novembro, com uma coroa de flores roxas que devemos lembrar daquelles que lá estão

⁶⁹ Não há qualquer indício de traslado de ossadas e registro de transferência das sepulturas, destas necrópoles.

⁷⁰ “Cyprestes”. Jornal “A Tribuna”, Uberabinha, 19/09/1920. PAES, Agenor. * **Agradeço ao colega de graduação Renato Farofaque, gentilmente, me cedeu este e outros documentos que encontrou no Arquivo Público de Uberlândia. Renato Farofa é aluno de PIBIC da professora Mara Nascimento e, também pesquisa as representações da morte em Uberlândia.**

esperando à qualquer hora. Devemos lembrá-los sempre e mais quando suas caveiras risonhas nos encaram ironicamente dizendo nos que os corpos desses que não se querem enriquecer para comprar seus túmulos espera a mesma sorte nesse campo onde, apesar da igualdade há, como cá fora, cantos mais confortáveis.

Nem seria preciso lembrarmos aqui esta medida inadiável, pois, já há um anno que o engenheiro de nossa câmara gritava em seu relatório que nenhuma obra se lhe afigurava de maior urgência que a ampliação de nosso cemitério já adiada, acrescentando”:

“Está inteiramente exgotado o espaço para os enterramentos”

Em Uberlândia, tem-se a impressão de que os cemitérios são um exemplo da “desqualificação da memória,” feita aqui pela elite dominante, que ignora o sentido de memória presente nas necrópoles consideradas “paradas no tempo”, importando apenas com o sentido estético em vigência, que resultam em melhorias, ou seja, no progresso urbano.

Na ocasião de transferência destas necrópoles, a memória que se queria preservar era aquela que deveria estar afinada com os projetos de reformulação material da cidade e, nesta, os espaços para os mortos deveriam ficar afastados do olhar dos habitantes, em regiões consideradas “periféricas” ao centro nervoso e comercial da urbe. Quem teve direito de preservar a memória de seu ente querido? Quem teve direito de ser lembrado? Respostas que não se encontram nos arquivos, mas sim na forma como a cidade administra, e transforma o espaço urbano.

É possível perceber que a ideia de afastamento das necrópoles do convívio dos vivos está fortemente ligada aos projetos urbanos e estéticos da cidade, que se pretendia e pretende moderna e civilizada. Manter os mortos próximo aos vivos passou a ser sinônimo de atraso, portanto surge a necessidade de criar espaços específicos para o sepultamento em lugares periféricos e afastados e, enquadrando o morrer nos planos urbanos impostos pela elite da cidade.

Ao longo deste processo construtivo, o cemitério municipal São Pedro, foi inaugurado em 1939, com mais de sete mil sepulturas, sendo hoje o mais antigo da cidade. Ele é um exemplo que define bem as famílias privilegiadas da cidade, as que tiveram direito garantido de preservar seus mortos e, portanto, a

memória dos mesmos. Seu planejamento lembra o planejamento urbano das cidades dos vivos, com a existência de divisão de acordo com a condição social, onde, em um núcleo central, encontra-se a elite e, na parte periférica, a “outra” parte da população, os menos favorecidos, ou os que não possuem prestígio. Isto pode ser comprovado pela tabela estabelecida no período de planejamento do novo cemitério, determinando as taxas cobradas para uso das sepulturas.

O MUNICIPIO – 06/05/1928

Taxa de Cemiterio

<i>Sepultura commum para adultos e crianças por cinco annos</i>	15\$
<i>Idem, idem por 15 annos</i>	50\$
<i>Idem, idem por 50 annos</i>	100\$
<i>Idem, idem perpetuas</i>	200\$

Art. 62 – As taxas para sepulturas perpetuas ou não, comprehendendo o espaço determinado no artigo 514 do Codigo Municipal pagarão o preço de \$500 o decímetro quadrado.(grifo meu)

*Art.63 – Pelas inhumações que posteriormente se fizerem em terrenos perpétuos ou já adquiridos por mais de 20 annos, serão pagas as mesmas taxas para as sepulturas comuns.*⁷¹

Já no planejamento da nova necrópole, localizada no bairro Martins, com o custo elevado das sepulturas perpétuas em avenidas, estabeleceu-se a separação de classes, visível até hoje. Nas “avenidas” principais, estão as famílias tradicionais e fundadoras da cidade, com sepulturas e jazigos luxuosos, feitos de pedras e metais caros. Verdadeiros monumentos que preservam não só a memória do morto, mas também reforçam “nomes” importantes e dominantes para a cidade. Nas datas destinadas à visitação das famílias, estes túmulos são ornamentados com flores variadas, por profissionais conceituados, o que deixa a distinção ainda mais marcante.

Aos “mortos” que não possuem tradição e riqueza, fica destinada a parte mais periférica e afastada, com túmulos simples, construídos com pedras baratas, alguns usam azulejo ou cerâmica, mas a maioria pinta o chão cimentado apenas no dia do enterro, ornamentando-os muitas vezes com vasos de flores artificiais, e marcando a memória com tinta a memória daquele

⁷¹ Dados encontrados nas Atas de 1928 no Arquivo Público Municipal da Cidade de Uberlândia.

que se foi. Este trabalho é feito pelos próprios familiares que, buscam da melhor forma cumprir seus ritos fúnebres.

Cemitério que, no imaginário social, figura como “o cemitério dos ricos”, pois os jazigos que lá foram construídos já não podem dar lugar a novos túmulos ou lápides devido ao alto valor de mercado que adquiriram. Segundo a administração deste cemitério, os espaços dos jazigos só podem ser vendidos se os familiares proprietários destes autorizarem. Neste caso, um jazigo no São Pedro poderia custar aos preços de hoje, R\$ 70.000,00 (setenta mil reais).

Já o cemitério Municipal Campo do Bom Pastor, inaugurado em 1978, tem mais de trinta e cinco mil sepulturas, com uma média de sessenta mil sepultados. Apresenta uma forma diferente do primeiro, por ser de campo ou jardim, o que dá certa uniformidade entre os “mortos” que ali estão. Mas esta “igualdade” desaparece sob um olhar atento que observa o cuidado com os túmulos e a presença da pedra tumular, com ornamentação de metais e fotos, além da decoração dos jardins, enfeitada com flores de alto valor.

Mas, a construção dos cemitérios apresenta ideologias e simbolismos distintos, onde cada um expressa momentos diferentes na história da cidade. O São Pedro com grandes monumentos deixa à mostra a concepção de uma sociedade moderna, e de grandes riquezas, além de possuir uma capela em seu interior que demonstra a predominância da religião católica na cidade. Vale ressaltar que sua construção se deu em um momento em que, os grandes túmulos construídos como monumentos, ainda faziam parte da cultura fúnebre brasileira.

Diferentemente, o Campo do Bom Pastor, construído 39 anos depois, dentro de uma cultura fúnebre que cada vez mais nega e afasta a morte dos vivos, assenta-se na ideia de cemitérios de campo ou jardim, que teriam a função de dissimular e romantizar a morte, para aplacar os medos e as angústias dos vivos. E, seguindo seu projeto, ele cumpre sua função, já que em seu entorno se formou um campo de lazer, com quadras de jogos, e espaço para caminhadas. Uma “democratização” do espaço, tanto socialmente em relação à distinção de status social, como nas de crenças religiosas.

Finados: a comemoração dos mortos que movimenta a cidade e sua economia

A comemoração de finados é uma prática milenar cristã que se propunha amarrar um dia do ano para orar por todos os mortos. Por volta do século XIII a Igreja católica definiu a data de dois de novembro como dia de finados, isso se deu pela proximidade com a “Festa de todos os Santos” comemorada no dia primeiro de novembro.⁷² Desde então o dia dois de novembro passa a ser visto como dia de lembrar e homenagear os mortos, onde visitar o túmulo representa a lembrança que se tem do ente querido, uma forma de manifestar a saudade, o respeito e o carinho.

“É um momento que pede mais tranquilidade, já que a gente revive alguns momentos que deixa de lado durante o resto do ano” ⁷³, disse o professor de geografia Josenilson Bernardo da Silva em entrevista ao Jornal Correio, publicada em 01/11/2013, sobre sua visita ao cemitério Campo do Bom Pastor. O elevado número de visitantes e a forma como os cemitérios são preparados para recebê-los, nos dá o indicativo de que grande parcela da população de Uberlândia compartilha com a mesma ideia que o professor, onde a lembrança da morte deve ser revivida apenas em momentos específicos, como o dia de finados, ou outros dias especiais de rememoração, como o dia das mães e dia dos pais. No restante do ano, a memória dos mortos se faz presente pelo esquecimento, sendo evocada com as lembranças.

A administração pública se encarrega de cuidar dos preparativos necessários para receber o grande fluxo de visitantes, que segundo dados do Jornal Correio aproxima-se de cento e trinta mil pessoas. Segundo reportagem recente:

“A Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSU) reforçou a manutenção e a limpeza dos cemitérios Campo do Bom Pastor e São Pedro.

⁷²LE GOFF, Jacques. O nascimento do Purgatório. Op. Cit. P.13

⁷³ BELAFONTE, Cindhi. 130 mil pessoas devem participar das celebrações de Finados em Uberlândia. Jornal Correio, Uberlândia, 01/11/2013. Disponível em <<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/130-mil-pessoas-devem-participar-das-celebracoes-de-finados-em-uberlandia/>> Acesso em: 19/02/2014.

Roçagem, capina, varrição, poda de árvores e pintura de guias (meios-fios) são realizados por 32 servidores nas áreas comuns dos cemitérios.⁷⁴

É possível observar nas fotos abaixo o processo de preparação que antecede o Dia de Finados, tanto por parte da prefeitura que cuida da limpeza e organização dos cemitérios, disponibilizando banheiros químicos e lixeiras (já que se acumula grande quantidade de lixo, proveniente da organização dos túmulos), instalando tendas e cadeiras para a celebração das missas em ambos os cemitérios. Ou por parte dos familiares, que providenciam a limpeza e ornamentação dos túmulos para receber “visitas” na comemoração dos mortos.



Figura 1: Imagens de arquivo Pessoal, que destacam a movimentação no cemitério São Pedro, localizado no bairro Martins, no dia anterior a data de Finados do ano de 2013. É possível perceber a intensa movimentação de familiares, vendedores ambulantes, prestadores de serviços fúnebres, além da grande quantidade de banheiros químicos, lixeiras e lixo colocados temporariamente nestes espaços (note na primeira foto o monte

⁷⁴ Da redação/Divulgação. Cemitérios recebem manutenção para o Dia de Finados. Jornal Correio, Uberlândia, 26/10/2011. Disponível em :<<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cemiterios-recebem-manutencao-para-o-dia-de-finados/>> Acesso em: 19/02/2014.

de lixo proveniente da limpeza e ornamentação dos túmulos que se formou próximo a calçada).

A importância devotada à manutenção dos cemitérios municipais pela administração pública, que, prioriza a limpeza e a conservação da estrutura, a partir de padrões estéticos do belo, do organizado e limpo, em favor dos visitantes, está presente no discurso de um dos veículos de comunicação mais tradicionais da cidade, o Jornal Correio. Este jornal cumpre o papel de afirmar a identidade progressista da cidade ao acompanhar e divulgar, todos os anos, os preparativos que antecedem datas de grande fluxo de pessoas, principalmente por parte da prefeitura, destacando a manutenção e conservação destes espaços.

Isto porque, segundo os padrões exigidos por este discurso, não se admite no espaço urbano a existência de prédios que não se enquadrem no plano urbano que prioriza a simetria, e a limpeza. Surge assim a necessidade de se organizar o espaço previamente, demarcando os locais reservados aos vendedores informais de flores, água e velas, os espaços reservados as empresas de planos funerários, ou aos funcionários municipais responsáveis pelo apoio aos visitantes na data de finados. Tudo é pensado e organizado antes para que nada fuja as regras de ordem social.

Esta data beneficia os trabalhadores informais que trabalham com a conservação e ornamentação dos túmulos e jazigos em ambos os cemitérios, durante todo o ano. Estes profissionais chegam a dobrar sua carga de trabalho e, conseqüentemente, os ganhos, devido ao considerável aumento da procura pelos serviços. Os trabalhos desenvolvidos nas sepulturas geram algum lucro, sendo que jardineiros e lavadores de túmulos podem faturar até três mil reais por mês, resultado da cobrança de mensalidades mínimas que variam entre R\$12,00 e R\$20,00 e garantem a manutenção dos túmulos.⁷⁵

São nestas datas que o número de clientes dos prestadores de serviços fúnebres (cuidadores de túmulo) aumenta, pois grande parte das contratações

⁷⁵ PACHECO, P. **Cuidar de túmulos rende até 3 mil para zeladores de Uberlândia**. Correio de Uberlândia, Uberlândia-MG, 31/10/12. Disponível em <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cuidar-de-tumulos-rende-ate-r-3-mil-para-zeladores-em-uberlandia>> Acesso em 21/04/13 às 15:05hrs.

para a manutenção tumular ocorre nas ocasiões de visitas. Hoje em dia, a morte é um negócio lucrativo, o próprio SEBRAE - *Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas* - oferece orientações para empresários que pretendem entrar nesse ramo, abrindo cemitérios e crematórios particulares.

Este novo modelo resulta no crescente aumento por cursos técnicos que ofereçam especialização para o mercado funerário, como coveiros, atendentes, profissionais de Necromaquiagem e de tanotopraxia, indispensáveis principalmente às empresas de serviços póstumos. Estes serviços, embora na invisibilidade, movimentam a economia da cidade, contribuindo com o seu desenvolvimento.



Figura 2: Preparação dos cemitérios da cidade na data que antecede o dia de finados. A primeira imagem de arquivo pessoal é da limpeza dos túmulos no cemitério São Pedro; Já a segunda imagem retirada da reportagem do Jornal Correio⁷⁶, mostra a preparação dos túmulos no cemitério Campo do Bom Pastor, localizado no bairro, Planalto. Em ambas as imagens os chamados “cuidadores de túmulos” desenvolvem seu trabalho.

⁷⁶ Da redação/Divulgação. Cemitérios recebem manutenção para o Dia de Finados. Jornal Correio, Uberlândia, 26/10/2011. Disponível em :<<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cemiterios-recebem-manutencao-para-o-dia-de-finados/>> Acesso em: 19/02/2014.



Figura 3: Imagens retiradas da reportagem do Jornal Correio mostram a movimentação dos visitantes e, o grande fluxo de comércio de flores em ambos os cemitérios da cidade.

Toda a movimentação que ocorre em ambos os cemitérios da cidade, exigindo planejamento e organização prévias, e movimentando a economia com o cuidado e a ornamentação dos túmulos, mostra que a morte está presente em nosso cotidiano, embora hoje diferentemente do passado, exista lugares datas específicas para expressar os sentimentos que surgem com o lembrar, sendo que os mortos ficam sob os cuidados de especialistas.

Capítulo III

A morte nas mãos das empresas: as funerárias e os Planos de Assistência Familiar em Uberlândia

“Os mortos são na vida os nossos vivos.
Andam pelos nossos passos, trazemo-los ao colo pela
vida fora e só morrem conosco”.
(Floribela Espanca)

De acordo com leituras realizadas em tese específica sobre o assunto⁷⁷, a especialidade dos profissionais que lidam com os serviços póstumos tem a sua origem nos EUA. No início os “Funeral Directors” impulsionados pela guerra de secessão dos EUA, investiram no ramo da morte como em qualquer outro mercado econômico promissor. Aproveitando das brechas causadas pelo constrangimento que já começava a se instalar, eles “exploraram as necessidades psicológicas negligenciadas”, transformando o morrer em um mercado rentável. Surgindo, devido a essa demanda, as empresas de serviços póstumos, que tem nas últimas décadas, conquistado espaço, ganhando visibilidade, ao oferecer total atendimento e conforto aos familiares. Fato que ocorre principalmente devido ao ritmo frenético da sociedade, que não para nem mesmo na morte.

No Brasil, a morte foi posta como empresa, com o surgimento dos grupos que se destacaram ao centralizar todo o serviço fúnebre em um único empreendimento. Estes Grupos são definidos por Moraes⁷⁸ como:

“empresas completas que agregam vários empreendimentos fúnebres com o objetivo de dar conta de todo processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com o serviço funeral) e o depois (com os serviços de assistência ao luto).”⁷⁹

⁷⁷ MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Pela hora da morte estudo sobre o empresariar da morte e do morrer. Op. Cit. P. 14

⁷⁸ Ibidem

⁷⁹ Idem p.96.

Paz Universal Serviços Póstumos

Seguindo a proposta destes Grupos, a funerária Paz Universal, principal empresa de serviços póstumos da cidade de Uberlândia, oferece total atendimento e conforto aos clientes e associados. O processo de constituição da empresa está sucintamente descrito em seu site, sendo que “outras” informações que contribuam para a percepção do desenvolvimento do segmento dos “grupos” na cidade, não são facilmente encontradas.

A secretaria da empresa não fornece documentos ou material de informação por receio talvez, de revelar o quanto este pode ser um segmento altamente rentável. Por outro lado, pode causar estranheza, o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas que tenham como objeto as funerárias.

E é, justamente devido a este receio, que o site da funerária (disponível para acesso), folders e contratos (que pertencem a familiares) se tornaram durante esta pesquisa, objetos indispensáveis para observação do desenvolvimento do segmento funerário na cidade, partindo do fato de que a mais recente empresa fúnebre se tornou em tão pouco tempo, a que mais se enquadra nos padrões modernos da cidade.

A Paz Universal, diferente das outras empresas do mesmo ramo, conseguiu afastar definitivamente a ideia do morrer de seus ambientes, que são projetados para o conforto dos vivos, permitindo mesmo por alguns momentos que a lembrança da morte se disperse. Sua história foi descrita como:

“A Paz Universal surgiu em 1978, em Goiânia, com o objetivo de oferecer serviços póstumos de excelência e dignidade às famílias enlutadas. Ao longo dos seus mais de 30 anos, a empresa vem expandindo sua área de atuação. Hoje, é considerada uma das mais inovadoras e competentes empresas do segmento funerário do país, com empreendimentos em 8 (oito) cidades e clientes ativos em mais de 80 (oitenta) municípios no eixo Goiás – Triângulo Mineiro”.⁸⁰

Podemos observar como a ideia de oferecer os serviços póstumos com “*excelência e dignidade*” está constantemente presente nas representações de

⁸⁰ A história da funerária pode ser encontrada no site da empresa: <<http://www.pazuniversal.com.br/empresa>>. Acesso em 16/02/2014.

conforto, expressos nas imagens de divulgação dos serviços ofertados pela empresa. Esta apresenta em seu site e nos demais materiais de propaganda, o conforto e a privacidade oferecidos aos familiares enlutados, dando ênfase para os ambientes projetados com alto requinte. Há uma representação deste conforto oferecido a partir de “salas de homenagens” e de uma “moderna frota e infraestrutura,” capazes de afastar ao máximo o sofrimento causado pela morte.

Esta ideia de conforto, oferecida pela empresa vai além dos ambientes e acomodações, chamando atenção para os demais serviços disponibilizados, como o serviço de copa, que poupa à família tempo e gastos adicionais (já que geralmente mesmo os velórios mais “baratos” tem valor elevado), por isso a ideia de evitar pequenas preocupações com o café ou a água oferecidos àqueles que vão prestar a última homenagem, seja ao defunto, ou ao familiar.

É possível observar nas fotos abaixo, disponíveis no site⁸¹ da empresa, a representação dos espaços reservados para os funerais, grandes e confortáveis acomodações que não expressam nenhuma alusão à morte. Ao contrário, cuidadosamente decoradas possuem “requinte” e sofisticação compatíveis aos grandes hotéis ou salas empresariais. O conforto foi pensado até mesmo para o plano visual, com paredes e quadros claros sem grandes contrastes, nada mórbido ou lúgubre, dois adjetivos presentes nas tradicionais representações da morte.

Todo o aparato que compõe estes espaços, como o ar condicionado, o frigobar e as várias tomadas distribuídas em todo ambiente possibilitando ligar ou carregar qualquer aparelho eletrônico a exemplo, os celulares, tablets e computadores tão indispensáveis a vida do homem contemporâneo, compõem a ampla lista da “completa e moderna infraestrutura” oferecida pela empresa.

⁸¹ Sobre as imagens e os serviços oferecidos descritos acima ver: <<http://www.pazuniversal.com.br/empresa>>. Acesso em 16/02/2014.



Figura 4: Sala principal para velório, de valor mais alto.

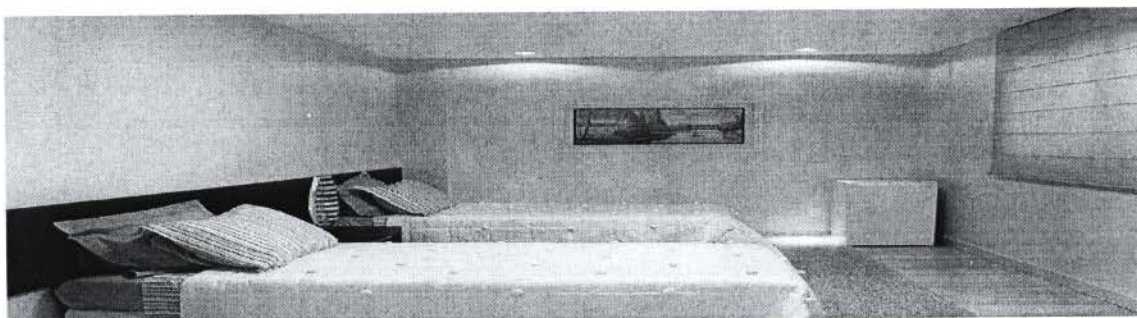


Figura 5: Suíte da sala principal, camas que lembram hotéis. Nas salas menores e mais econômicas, as suítes são também menores e possuem apenas uma cama.

Como outras empresas, as de atendimento póstumos, também distinguem a qualidade do serviço prestado de acordo com os valores pagos. No caso da funerária Paz Universal o que aumenta ou diminui é o conforto oferecido, como pode ser observado nas salas de velório abaixo, mais simples e menores, mas que passam o mesmo ideal da empresa de *“cuidar da sua família, oferecendo o máximo conforto e qualidade nos serviços prestados”*.



Figura 6: Sala para velório intermediária.



Figura 7: Sala para velório pequena.

O moderno parece acompanhar a trajetória desta funerária que procura demonstrar ao longo de sua história, e a partir dos serviços oferecidos, a qualidade que a destaca no ramo empresarial da morte, sendo possível encontrar no site os valores essenciais como garantia deste trabalho, pautado no conforto dos vivos, nos momentos de adeus do ente querido.

Neste sentido as sensibilidades do homem parecem ser constantemente exploradas e colocadas em contato com as suas “necessidades modernas”, que o prendem ao ritmo veloz da sociedade. É como se tudo fosse pensado para garantir, que todos os conflitos que inviabilizem os momentos reservados para despedida não aconteçam, a empresa tem o papel de proporcionar o momento de adeus dentro da perfeita ideia de acolhimento.

A localização previamente planejada possibilita a rápida locomoção dos visitantes e familiares, seja com carros, motos ou transportes coletivos municipais. É preciso estar cercado de comodidades, como lanchonetes, floriculturas, ponto de ônibus, mercados e, o mais importante priorizar, a necessidade de amplos estacionamentos, já que os automóveis assim como os aparelhos eletrônicos fazem parte da vida do homem contemporâneo e, portanto, precisam estar inseridos na ideia de conforto.



Figura 8: Fachada da empresa de serviços póstumos Paz Universal, que priorizou em sua planta um amplo espaço para estacionamento. É possível observar como o “complexo” passa a ideia de requinte e sofisticação, o que se enquadra dentro da imagem da cidade voltada ao progresso.

A “moderna frota” é segundo a empresa *“um fator importante no conjunto dos diferenciais inovadores da Paz Universal”*, isto porque como já discutido anteriormente, o carro faz parte das necessidades e muitas vezes da prioridade do homem moderno. Estes veículos são específicos para o transporte do defunto e oferecem “apoio cerimonial” como o “cortejo” e o “traslado”. Mas eles já não representam fortemente os signos fúnebres, pois tanto a cor, como o formato dos veículos, sofreram modificações a fim de

mascarar a morte: o preto, por exemplo, foi substituído, não só nos veículos, mas em todo ambiente, que prioriza cores claras.⁸²

É importante destacar que a empresa disponibiliza, quando necessário, o transporte dos familiares que desejam seguir o cortejo, mas por motivos emocionais, ou até mesmo por falta de veículos não conseguiriam fazê-lo. Para isto a empresa dispõe de um ônibus VOLARE com mais de vinte lugares, devidamente identificado com a logomarca da empresa. A imagem abaixo presente nos veículos de divulgação dos serviços póstumos da empresa Paz Universal, apresentam a moderna frota de veículos, cuidadosamente destacada.



Figura 9: Frota de veículos disponibilizados pela empresa para o apoio no cerimonial fúnebre.

Para passar a imagem de “especialistas” no ofício dos “bons serviços póstumos”, a empresa divulga que disponibiliza uma equipe “treinada”, vinte e quatro horas por dia, para providenciar o funeral e o sepultamento, assumindo para isto a função de concessionária de serviços funerários. Esse serviço deveria ser disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia que é responsável por gerenciar os cemitérios e os sepultamentos da cidade. Ao

⁸²Os carros são sempre cinza metálico (que representa grau diferenciado no valor dos automóveis), ou branco (como oposição radical, na representação social sobre as cores, ao preto)

contrário a administração pública mantém uma “Seção de Luto” que oferece serviços há população com horários bem reduzidos, delegando, portanto, a responsabilidade de providenciar a abertura dos túmulos nos Cemitérios Campo do Bom Pastor e São Pedro às três funerárias da cidade.

Os procedimentos que devem ser tomados pelos familiares estão disponíveis no site da Prefeitura Municipal na “Seção de Luto”, sendo possível observar como a administração pública vem delegando a responsabilidade do morrer às empresas privadas, que se encarregam de providenciar desde o funeral ao sepultamento, “poupando” as famílias enlutadas do trabalho que, antes, do século XIX, lhe era naturalmente atribuído.⁸³

Bom para as empresas póstumas que ampliam os serviços prestados complementando a ideia de conforto, e para a Prefeitura que afasta o morrer dos assuntos públicos. Em Uberlândia três funerárias têm autorização para trabalhar em conjunto com a Prefeitura, prestando serviços de lutos. Destas, a mais antiga é a funerária Ângelo Cunha inaugurada em 1940, depois dela a Olavo Chaves e por último a Paz Universal.

Com as transformações da representação do morrer, o imaginário e as práticas de luto adquirem nova configuração, que procura mascarar a morte transformando-a em espetáculo, ao mesmo tempo em que a torna um assunto “para especialistas”. O desenvolvimento dos “Grupos” para as empresas funerárias contribuíram para estas transformações, ao oferecerem em um só local todos os serviços póstumos, antes dividido em vários setores, mas principalmente ao assumirem a responsabilidade que era delegada aos familiares.

⁸³“Procedimentos a serem seguidos ao solicitar um serviço: O cidadão interessado em qualquer serviço ou informação da Seção de Luto deve comparecer à Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSU) - Seção de Luto, ou ligar no telefone 3239-2451, de segunda-feira a sexta-feira, das 12h às 17h. Os serviços funerários são prestados normalmente em fins de semana ou feriados, através das concessionárias de serviços funerários e regularizados pelos familiares na SMSU, para casos de parcelamento ou descontos para pagamentos à vista, no primeiro dia útil após realização do sepultamento. Observação: Não são feitas vendas de sepulturas para sepultamentos futuros. Documentos sempre necessários: Cópia da Identidade; CPF e Atestado de Óbito”. Sobre a seção de luto e os serviços prestados pela administração pública da cidade ver: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=66&pg=95>> Acesso em 18/02/2014 às 20:26hrs.

Mas estas empresas não vendem “apenas um produto”. Elas vendem algo que a sociedade contemporânea deseja comprar: a possibilidade de não pensar, ou encarar, a finitude da vida. Zapata (2006, p.99) define bem a relação que se criou entre os grupos funerários, o morto e a sociedade:

“La muerte de un ser para quienes han vivido con él significa la pérdida de una parte de sí mismo, la terminación de una construcción. Este mismo cadáver para la empresa funeraria significa el suceso que lo conecta con sus futuros demandantes, y para lo cual se dispone a prestar sus servicios. Es importante entender que, contrario a lo que habitualmente se escucha emulguaje común, sus demandantes no son los futuros cadáveres; el demandante es la sociedad, motivada por el conocimiento de su finitude, y el incertidumbre que ocasionan las condiciones económicas y, por lo tanto, la capacidad de pago y de respaldo frente a esta situación. Las personas y la funeraria se encuentran bajo una relación comercial.”⁸⁴

O que a autora propõe é que o trabalho exercido pelas empresas funerárias seja representado como parte de um contexto cultural da modernidade, em que todos – sociedade e empresas deste ramo – compactuam sobre o papel que deve ter a celebração do ritual mortuário, e amenizar o processo de dor e perda diante da morte.

Isto significa dizer eu não foram estas empresas que criaram o desejo de mascarar a morte. Mas, que elas oferecem o que a sociedade demanda. Isso explica porque, juntamente aos planos de serviços fúnebres também são oferecidos, diversos benefícios, denominados como “Programa de Benefícios Familiar”, que garantem ao associado descontos em médicos, dentistas, laboratórios, farmácias e óticas, desde que conveniados, além de oferecer assistência jurídica.

Estes planos são respaldados, segundo a empresa, pelo Ministério da Justiça, sendo a primeira do ramo funerário a receber o certificado de Autorização que permite a venda de planos funerários em todo território nacional. “Este fato, além de atestar o valor e seriedade do programa, também

⁸⁴ ZAPATA, Cláudia Patrícia Zeles. Hacia una humanización de la empresa funeraria. Op. Cit. P.14 p.97.

assegura os direitos e garantias dos associados que passam a contar com um valioso instrumento, indispensável à família frente às necessidades”.⁸⁵



Figura 10: Parte dos folders de divulgação da empresa, onde é possível perceber a representação de uma família feliz, que com a aquisição dos planos funerários que asseguram proteção e tranquilidade, deixam de se preocupar com a morte.

De acordo com o material publicitário, os planos funerários oferecem “amplo atendimento e segurança”, que traduzidos significam:⁸⁶

PREPARAÇÃO DO OBITO (Vestimenta, Tamponamento, Desodorização, Necro-maquiagem); URNA MORTUÁRIA (Urna sextavada com visor, sobre tampo em eucatex, caixa e tampo forrados de papel nevado, babado em tecido e travesseiro solto, Ornamentação interna realizado na urna mortuária, com base de cedro e flores naturais da época, Véu em tule rendada); SALA DE VELÓRIO (Paramentos para suporte da urna, Castiçais com velas ou lâmpadas, Folha ou livro de presença com suporte); ORNAMENTO (Uma ou duas coroa de flores, Flores: palmas e flores do campo); CARRO FUNERÁRIO (Disponibilização de carro fúnebre para transporte do féretro); SEPULTAMENTO O (Nossa Central de Assistência providenciará o sepultamento no túmulo ou jazigo da família); TRASLADO DO CORPO (Caso o associado vier a falecer num município que não seja o de sua residência, a Central de Assistência, realizará o traslado até o local do sepultamento. A distância coberta do percurso será em um raio de 200 quilômetros).

Ate mesmo quando o velório ocorre no ambiente doméstico, no seio da família, a empresa oferece serviços: *Kit de paramentação composto por: 01 resplendor ou 01 banner, 10 cadeiras, velas, luminoso de luto; Kit para copa: café em pó, açúcar cristal, 100 copos descartáveis para café, 100 copos descartáveis para água.* Este modelo de funeral ainda é comum no espaço

⁸⁵ Sobre os benefícios oferecidos em conjunto com o plano ver Anexos p.66

⁸⁶ Sobre a diferença de valores e as disposições do contrato ver Anexos p.69

urbano, e representa a convivência da tradição com o moderno. É importante destacar que, ao contrário do que se pensa, os velórios realizados em casa nem sempre são por baixo poder aquisitivo da família, mas por desejo em seguir talvez, a tradição, resquício da “boa morte” de Ariès, que teme em abandonar o corpo, e que ainda seguem alguns rituais antigos.

Assim como a dor da morte é escamoteada, as empresas fúnebres procuram ser muito discretas, sendo que elas dispõem de um variado conjunto de funcionários tais como auxiliares de limpeza, recepcionistas, “vendedores”, gerentes, porteiros, motoristas (para os carros fúnebres), e os responsáveis pela preparação do “morto” que não aparecem,

Para o desenvolvimento dos trabalhos de Tanotopraxia e de Necromaquiagem são necessários a presença de funcionários “tecnicamente preparados”, em cursos técnicos, que capacitam os mesmos para o trabalho. O mercado fúnebre vem conquistado espaço. Prova disso são os grandes eventos, feiras e diversos cursos especializados na morte, com fins econômicos, como a FUNEXPO, uma das principais feiras do mercado da morte que ocorreu na Argentina em 2010.

Em Uberlândia o segmento que oferece planos assistenciais completos, foi inaugurado em 1991, visando viabilizar o custo financeiro dos serviços póstumos. A Funerária Ângelo Cunha, hoje a mais antiga da cidade, foi a responsável por implantar este novo ramo empresarial na cidade. Inicialmente denominada Pirâmide Plano de Assistência Funerária, reformulou a forma como a morte estava posta, agregando novos benefícios, que como já mencionado dissimulam o morrer, passando a se chamar, Pirâmide Plano de Assistência Familiar.

Hoje, embora a “Pirâmide” seja o plano mais antigo, ele perdeu espaço para a nova e recém-chegada Funerária Paz Universal, que vem se afirmando a partir do conceito de “conforto”, um dos destaques da qualidade dos serviços oferecidos. Já o Plano Pirâmide e as outras funerárias da cidade contam com o discurso do tradicional como experiência, sendo que os locais reservados para os velórios não priorizam o conforto das modernas salas com sofás e das luxuosas suítes.

Nas empresas funerárias mais antigas de Uberlândia, os espaços são muito rústicos, como se o projeto fosse pensado para lembrar a morte e não afastá-la. Elas não oferecem estacionamento, as salas são muito próximas, descartando, portanto, a idéia de privacidade. Não existe, mais poltronas, mas somente cadeiras sem estofados; o ar condicionado deu espaço para um ventilador e as tomadas são, em sua maioria, para uso de luminosos ou da funerária.



Figura 8: Imagem da “Sala velatória” da Pirâmide Plano de Assistência Familiar, disponível no site <<http://www.planopiramide.com.br/salas-velatorias>>

Podemos perceber que, mesmo fugindo da idéia de conforto e de moderno, as empresas funerárias, oferecem planos que atendam a família em todas as necessidades que surgem com a chegada da morte, estando em completa sintonia com a cultura do morrer contemporânea, que exige a presença de especialistas.

Isto porque, a família já não se sente mais capacitada para lidar com a morte, com o morrer e com o morto. Os assuntos sobre a finitude do homem, já não fazem mais parte do cotidiano dos vivos e, ate mesmo a preparação dos ritos finais do ente querido, podem explicitar o temor e a recusa do morrer.

A dor da perda tornou-se insuportável nesta sociedade, que se recusa a pensar sobre a finitude da vida. Por isso a necessidade das empresas que cumprem a função de intermediários entre os vivos, a preparação dos ritos finais e a morte. Estas empresas são, portanto, bem sucedidas, por estarem inseridas em um contexto cultural que as torna imprescindíveis.

Conclusão

Segundo Ariès⁸⁷, mesmo com todas as transformações que modificaram a percepção e atitude do homem e da sociedade diante da morte, esta não deixou de ser um “fato social e público”. A morte ainda existe no cotidiano do homem e, continua afetando-o, a diferença é que com o ritmo frenético das cidades, principalmente das grandes cidades, ela deixou de causar o mesmo impacto e mobilização das energias que antes,

O ritmo que a vida está posta altera a percepção do morrer, sendo que o luto e os ritos fúnebres se enquadram aos novos padrões de rapidez e de liquidez. A idéia de que a morte está desaparecendo do meio social, não me parece totalmente real, pois ao contrário ela se faz presente em vários momentos. O que fica claro é que ela é posta de formas diferentes se adaptando ao frenético ritmo da vida e ao crescente individualismo, onde o outro deixa de ser significativo.

Para Sennet⁸⁸, o novo capitalismo esta na “conformação” das relações sociais contemporâneas alterando o caráter do homem ao afirmar o individualismo e as relações flexíveis sem laços de longa duração. O desenvolvimento de novas tecnologias instantâneas que ultrapassam o tempo do homem “encurtam” cada vez mais estas relações.

O indivíduo já não se reconhece mais, e, portanto deixa de reconhecer o outro, tornando as relações mais instáveis, onde a instabilidade, a mudança e a fragmentação já se naturalizaram no cotidiano. Se, no início da modernidade, o homem se caracterizou como camaleão, procurando se adaptar às transformações, hoje ele é multifacetado e fragmentado, pois ele se insere nas constantes mudanças.

Em Uberlândia, a representação da morte se dá da mesma forma, se enquadrando no individualismo e no acelerado ritmo da vida urbana moderna. Segundo Nascimento⁸⁹ ela já faz parte do cotidiano, mas passa despercebida,

⁸⁷ Ariès, Philippe. O homem diante da morte. Op. Cit. P. 13.

⁸⁸ SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. Op. Cit. P. 13.

⁸⁹ NASCIMENTO, Mara Regina do. No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n. 15, Jan 2013.

se tornando real de fato, apenas quando atinge um familiar querido, isto porque a morte individualizada deixa de interessar e afetar um coletivo.

É interessante pensar o esquecimento como viés da memória para discutir a respeito da morte na atualidade, pois muito se fala sobre a recusa do homem em relação a morte e do conseqüente afastamento do morrer do contato com os vivos. Esta pesquisa nos atentou para a ideia de que o esquecimento da morte também pode ser uma forma de lembrança, nos faz perceber o quanto ela ainda está inserida no cotidiano social, mesmo com suas modificações.

Em Uberlândia a organização do espaço urbano que resultou na transferência e “destruição” dos primeiros cemitérios da cidade, eram pautados em um discurso elitista, que colocava a então cidade de Uberabinha como “ordeira e progressista.” Discurso que permanece e ainda apresenta seus reflexos na constituição urbana, principalmente nos espaços centrais e privilegiados, onde a estética urbana quer-se moderna.

Este discurso, já interiorizado por grande parcela da população, contribui por caracterizar a identidade da cidade como progressista, dando ênfase para a organização baseada na disciplinarização do espaço urbano, de acordo com as necessidades impostas para manter a ideia de progresso e modernidade, desenvolvida desde os primórdios da constituição social e urbana de Uberlândia.

Os cemitérios e as funerárias compõem o espaço urbano como representantes do morrer. Estes espaços também foram projetados e pensados de acordo com a dinâmica progressista da cidade. Os cemitérios deveriam ser lugares “escondidos”, por serem considerados espaços mal vistos, que representavam o temor do homem em relação à morte.

O cemitério São Pedro, localizado no bairro Martins, é cercado com um muro alto e, a não ser pela fachada, seu entorno não faz nenhuma alusão à morte, já que os túmulos são camuflados pelos muros. Já o cemitério de campo ou jardim Bom Pastor, foi projetado e construído dentro de uma cultura para escamotear e mascarar a morte. Seja com muros altos, ou com um jardim

rodeado de quadras para lazer,são lugares pensados a partir das transformações culturais fúnebres.

Com as Funerárias o moderno tem o seu ápice.A recém-chegada Paz Universal Serviços Póstumos atende por completo o discurso progressista e modernizador, e em poucos anos alcançou o título de principal empresa de serviços fúnebres da cidade, sendo também a mais sofisticada. Todo material de divulgação da empresa é voltado para o slogan a “Moderna Infra estrutura,que garante o máximo de conforto para você e para quem você ama.”

Os Planos de Assistência Familiar oferecidos em Uberlândia Pela PIRÂMIDE (conveniada a Funerária Ângelo Cunha) e pela PAZ UNIVERSAL, oferecem “segurança” e “proteção” para toda a família, pois, essas são hoje contemporaneidade, as demandas sociais mais prementes. O homem moderno quer sentir-se seguro protegido diante da angústia do morrer.

Com a modernidade, “a morte deixou de ser um momento”, ou um acontecimento que impactava toda a sociedade. Com a recusa de pensar sobre a morte, constituiu-se a dissimulação do morrer e das práticas fúnebres. O homem teme o que ele desconhece, o que a ciência não pode explicar tão pouco impedir. A finitude humana é a única certeza da vida, mas vem acompanhada de outras várias incertezas, tais como o momento de sua chegada, se repentina ou rápida, ou se será prolongada por alguma doença que causara dor e sofrimento. Mas, o principal temor é o de não saber o que ocorre depois da morte. Ela é ou não um sono eterno a espera do juízo final? Ou apenas é o fim de um ciclo possibilitando o início de outro? O fim é a única certeza, a única resposta.

“A morte deve apenas se tornar a saída discreta, mas digna, de um vivo sereno, fora de uma sociedade solícita que não destrua nem perturba demais a idéia de uma mensagem biológica, sem significado, sem esforço nem sofrimento e, finalmente, sem angustia.”⁹⁰

Referências Bibliográficas

⁹⁰Ariès, Philippe. O homem diante da morte Volume II; Tradução de Luiza Ribeiro. - Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. (Coleção Ciências Sociais). P. 670.

Fontes:

Documentos do Arquivo Municipal de Uberlândia:

"Cyprestes". Jornal "A Tribuna", Uberabinha, 19/09/1920. PAES, Agenor.

Jornal O Correio de Uberlândia disponível on line:

BELAFONTE, Cindhi. 130 mil pessoas devem participar das celebrações de Finados em Uberlândia. Jornal Correio, Uberlândia, 01/11/2013. Disponível em <<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/130-mil-pessoas-devem-participar-das-celebracoes-de-finados-em-uberlandia/>> Acesso em: 19/02/2014

Da redação/Divulgação. Cemitérios recebem manutenção para o Dia de Finados. Jornal Correio, Uberlândia, 26/10/2011. Disponível em: <<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cemiterios-recebem-manutencao-para-o-dia-de-finados/>> Acesso em: 19/02/2014.

PACHECO, P. **Cuidar de túmulos rende até três mil para zeladores de Uberlândia.** Correio de Uberlândia, Uberlândia-MG, 31/10/12. Disponível em <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/cuidar-de-tumulos-rende-ate-r-3-mil-para-zeladores-em-uberlandia>> Acesso em 21/04/13 às 15h05minhrs.

Sites das empresas fúnebres:

<http://www.pazuniversal.com.br/empresa>>. Acesso em 16/02/2014.

<http://www.planopiramide.com.br/salas-velatorias> Acesso em 16/02/2014

Bibliografia:

ARIÈS, Philippe. O Homem diante da Morte. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. Coleção Ciências Sociais. Volumes I e II.

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada: vidas cotidianas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

BARROS, José D'Assunção. Cidade e Historia. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, Oscar Virgílio. Das sesmarias ao pólo urbano. A formação e transformação de uma cidade. 2010

BOMENY, Helena: Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). O Brasil de JK. 2ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002

CARVALHO, José Murilo. Brasil: nações imaginadas. In: Pontos e bordados: escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

Caminho das pedras: inventário temático de fontes documentais de Uberlândia – 1900/1980

Cadernos de Historia – Volume 4 – Número 4 – Janeiro/1993-Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de História, Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Uma História em construção.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Nas Sendas do Progresso: Trabalho e disciplina. Uberlândia, Um percurso histórico. In: Cadernos de História.

GOMIDE, Leila Regina Scalia. O Triângulo Mineiro: História e Emancipação – Um estudo sob a perspectiva da História Regional. In: Cadernos de História.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: Anotações sobre seu crescimento Urbano. In: Cadernos de História.

CATROGA, Fernando. O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.

DANTAS, Sandra Mara. A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberlândia/MG (1888-1929).UNESP, 2008.

ELIAS, Norbert "A Solidão dos Moribundos". Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LE GOFF, Jacques. História e Memória; tradução Bernardo Leitão – 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____. O nascimento do Purgatório. Lisboa; Editorial Estampa, 1995.

_____. e SCHIMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Editora: Edusc, 2006, Vol2. Pp.243-261.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. UBERLÂNDIA: história por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. EDUFU, 2010.

MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Publicações Europa-Americana, 1970. 2ª Edição.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Pela hora da morte estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia do Grupo Parque das Flores, Alagoas, UFP. 2009. 289 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade Federal de Pernambuco, Alagoas, 2009.

MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas Volume I e II; Tradução Neil R. Da Silva. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1965.

NASCIMENTO, Mara Regina do. Irmandades Leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana séculos XVIII-XIX. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 362 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n. 15, Jan 2013.

PAGOTO, Amanda Aparecida. Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (coleção Teses e Monografias, 7).

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni; Ganho, Maria de Lurdes Sirgado - *Discurso sobre a dignidade do homem*. Lisboa: Edição 70, 1989.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Cemitérios. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007

RODRIGUES, Cláudia. Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro / Cláudia Rodrigues. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

SEIXAS, Jacy A. de. Os tempos da memória: (des)continuidade projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? Proj. História. São Paulo: EDUC, nº24, 2002, pp.43-63.

_____. Comemorar entre memórias e esquecimento. História: Questões e Debates. Curitiba: Ed. Da UFPR, nº 32, jan/jun 2000, pp.75-95.

_____. de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado. História. São Paulo: Ed. UNESP, 20, 2001.

SENNETT, Richard. Carne e pedra; Tradução de Marcos Aarão Reis. – Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

. VOVILLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ZAPATA, Cláudia Patrícia Zeles. Hacia una humanización de la empresa funerária. Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín (Colômbia), 2006

Fontes eletrônicas


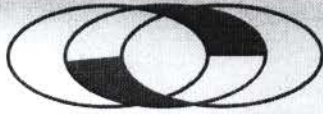
Sobre o significado de cidade ver: <<http://www.priberam.pt/dlpo/cidade>>. Acesso em 11/02/2014.

Sobre a seção de luto e os serviços prestados pela administração pública da cidade ver: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=66&pg=95>>. Acesso em 18/02/2014 às 20h26minhrs.

Imagens

Fotos do arquivo pessoal e, extraídas das matérias do Jornal Correio.

Anexos:



PAZ UNIVERSAL

Contrato
Plano 1ª Classe Nº 29536-1

I - DAS PARTES

01- Pelo presente instrumento particular de contrato de prestação de serviços, de um lado PAZ UNIVERSAL SERVIÇOS PÓSTUMOS LTDA., pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 02.473.874/0005-15, e no Cadastro Municipal de Uberlândia sob o nº 121.946-00, com sede à Av. Afonso Pena nº 2.626, Bairro Brasil, Uberlândia - MG, neste ato representada pela sua sócia-gerente ao final assinada, doravante denominada CONTRATADA, e de outro lado o(a) Sr(a) IVANIA BATISTA DA SILVA, residente à RUA PORTO ALEGRE 157, BAIRRO APARECIDA, infra-assinado, de ora em diante chamado simplesmente CONTRATANTE, têm entre si, como justo e contratado o quanto segue:

II - DO OBJETO

02 - Objetivando os benefícios da prestação de serviços funerários, de acordo com as cláusulas e condições a seguir especificadas.

III - DO SERVIÇO

CLÁUSULA 01 - DO SERVIÇO CONTRATADO

1.1 - A CONTRATADA, empresa especializada no atendimento de serviços funerários em geral, obriga-se a prestar ao CONTRATANTE e a seus beneficiários quando devidamente inscritos, os serviços seguintes:

1.2 - Fornecimento de :

- Urna mortuária personalizada (Verona)
- Flores naturais para ornamentação da urna mortuária
- 01 Tule de nylon
- Livro para registro de presença

Kit de paramentação :

- 01 Resplendor ou 01 banner
- 02 cavaletes (suporte para urna)
- 04 castiçais
- 10 cadeiras
- Velas
- Luminoso de luto

Kit para copa:

- Café em pó
- Açúcar cristal
- 100 copos descartáveis para café
- 100 copos descartáveis para água

Transporte:

- Veículo Especial para remoção
- Veículo Especial para sepultamento

1.3-Das medidas especiais:

Para beneficiários deste contrato, devidamente inscritos que necessitem de uma mortuária com medidas especiais, ou seja, aquela cujas medidas sejam superior ao tamanho de até 2mts (dois metros), o fornecimento da urna mortuária ficará sujeito à espera necessária para entrega pelo fornecedor.

IV - DOS ASSOCIADOS

Cláusula 02 - DOS ASSOCIADOS E DEPENDENTES

2.1 - Da inclusão:

2.1.1 - Além do próprio CONTRATANTE, como titular associado, este deverá indicar expressamente seus dependentes, podendo ser as seguintes pessoas:

- a. Esposa (o);
- b. Companheira (o) com quem vive maritalmente;
- c. Todos os filhos solteiros (legítimos, legitimados, legalmente reconhecidos ou adotivos);
- d. Pais;

2.1.2 - Fica reservado ao CONTRATANTE solteiro, o direito de inclusão da esposa(o), quando do casamento, apresentando-se a devida certidão de casamento, bem como a inclusão dos filhos nascituros, uma vez apresentado o registro de nascimento.

2.1.3 - As pessoas que não sejam esposo(a), filhos(as), pais, do CONTRATANTE, e que entretanto vivam sob sua dependência econômica, poderão ser admitidas como dependentes do presente contrato, mediante a apresentação, junto a CONTRATADA, do **Atestado de Dependência Econômica**, expedido pela autoridade competente, antes da solicitação do atendimento previsto na cláusula 01 (um), ficando ainda, esse(s) beneficiário(s) sujeito(s) à carência prevista na cláusula 07 (sete) sub item 7.1.

2.1.4 - É parte integrante deste instrumento o PEDIDO DE ADESÃO, devidamente assinado e preenchido com os dados pessoais do(a) CONTRATANTE, de seus dependentes e beneficiários.

2.2 - Da exclusão:

2.2.1 - Com o casamento de filhos(as) do(a) CONTRATANTE, os mesmos serão automaticamente excluídos da categoria de dependentes e em consequência não poderão usufruir dos benefícios do presente contrato.

V - DO VALOR DO CONTRATO

CLÁUSULA 03 - DA ADESÃO

3.1 - A CONTRATADA receberá do CONTRATANTE, a título de parte de pagamento pela CONTRAPRESTAÇÃO dos serviços, uma TAXA DE ADMINISTRAÇÃO no valor de R\$ 13,00 (Treze Reais

), e a título de TAXA DE MANUTENÇÃO

o valor de R\$ R\$ 13,00 (Treze Reais e Oitenta Centavos)

), perfazendo um valor inicial de R\$ R\$ 26,00 (Vinte e Seis Reais e Oitenta Centavos)

Tx. de Adesão R\$ 26,00 (Vinte e Seis Reais e Oitenta Centavos).

VI - DO PAGAMENTO

CLÁUSULA 04 - DA TAXA DE MANUTENÇÃO

4.1 - Integralizado o pagamento da Taxa de Administração previsto no sub item 3.1 deverá o CONTRATANTE efetuar o pagamento da taxa fixa de manutenção, cuja finalidade precípua é a cobertura das despesas do empreendimento.

4.2 - O valor da taxa fixa de manutenção mencionada no sub item 4.1 desta cláusula, será de 3% (Três por cento) do custo do funeral previsto na Cláusula 1 (Um) deste contrato.

4.3 - Fica entendido que a mensalidade nesta data corresponde ao valor de R\$ R\$ 13,00 (Treze Reais e Oitenta Centavos)

e que será reajustado de acordo com a variação do preço do funeral previsto na Cláusula 1 (Um).

4.4 - O CONTRATANTE obriga-se a manter atualizado junto à CONTRATADA, o endereço de sua residência, a fim de que a CONTRATADA possa proceder o envio de emissário para realizar o recebimento de valores e demais serviços inerentes ao presente contrato. Caso não seja possível o emissário realizar o recebimento das taxas de manutenção, cabe ao CONTRATANTE realizar os pagamentos na sede da CONTRATADA.



PAZ UNIVERSAL

Programa de Atendimento Familiar

Nº DO CONTRATO: 29536-1 DATA: 20.08.04

ATIVIDADE PRINCIPAL:

☒ **SERVIÇOS PÓSTUMOS** (ATENDIMENTO COMPLETO)

Benefícios Integrados:

- ☒ MÉDICO (CONSULTAS)
- ☒ ODONTOLÓGICO (TRATAMENTOS)
- ☒ LABORATÓRIOS (EXAMES)
- ☒ FARMÁCIA (MEDICAMENTOS) $\rightarrow 13\%$
- ☒ APOIO JURÍDICO (ADVOGADOS)

Ps.: NÃO É PLANO DE SAÚDE, NÃO COBRE INTERNAÇÃO E CIRURGIA

PARTICIPANTES:

☒ **TITULAR**

Dependentes:

- ☒ CÔNJUGE (AMASIADO MAIS DE 02 ANOS)
- ☒ FILHOS SOLTEIROS
- ☒ PAIS DO TITULAR

EXCEÇÕES JUDICIAIS (DEVERÃO SER COMPROVADAS EM DOCUMENTO ESCRITO E LEGAL DENTRO DAS NORMAS DA LEI). É NECESSÁRIO ANEXAR XEROX DO COMPROVANTE A PROPOSTA DE ADESAO

Ps.: O DOCUMENTO PODE SER UMA DECLARAÇÃO DE DEPENDÊNCIA ECONÔMICA AUTENTICADA EM CARTÓRIO

INVESTIMENTO:

- ☒ Taxa de Implantação / Inscrição 2890 (PARCELA ÚNICA)
- ☒ Taxa de Manutenção: (MENSAL) 1580

Ps.: O PROGRAMA TERÁ UM REAJUSTE ANUAL DE ACORDO COM O GOVERNO FEDERAL

CARÊNCIA:

☒ BENEFÍCIOS INTEGRADOS:

A PARTIR DA 1ª PARCELA

Médico
Odontológico
Laboratório
Farmácia
Apoio Jurídico

O Cartão Magnético e
Certificado Assistencial
será entregue a partir do pagamento da
6ª parcela

Ps.: O CARTÃO PROVISÓRIO SERÁ ENTREGUE NA 2ª PARCELA, TERÁ VALIDADE DE 06 MESES, APÓS SERÁ EMITIDO O CARTÃO MAGNÉTICO E CERTIFICADO ASSISTENCIAL

☐ **SERVIÇOS PÓSTUMOS: APÓS 12 MESES ISENTO DE QUALQUER TAXA ADICIONAL**

OS SERVIÇOS PÓSTUMOS SERÃO PRESTADOS APÓS A CARÊNCIA DE 60 (SESSENTA DIAS) A PARTIR DO PAGAMENTO DA PRIMEIRA PRESTAÇÃO, OCORRENDO O ATENDIMENTO ANTES DE COMPLETADOS 12 (DOZE) MESES PAGA-SE TAXA COMPENSATÓRIA DE ATENDIMENTO CONFORME CITADO NO CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

PAGAMENTO DA TAXA DE ATENDIMENTO SERÁ REALIZADO SOMENTE NO PRIMEIRO ATENDIMENTO

Ps.: NO PAGAMENTO DA TAXA DE ATENDIMENTO SERÃO DESCONTADOS VALORES DAS PRESTAÇÕES PAGAS ATÉ A DATA DO ATENDIMENTO

ATENDIMENTO AO ASSOCIADO

0800 34 2077

DISCAGEM DIRETA GRATUITA

Vendedor

22346907
Wolber 99252369

PARABÉNS! VOCÊ ACABA DE ADERIR A UM PROGRAMA DE ATENDIMENTO FAMILIAR ASSEGURADO E CREDENCIADO PELO GOVERNO FEDERAL.

Gratia Roosevelt - Paz-Paz (11) 3215-3385



0800 34 2077

Avenida Afonso Pena nº 2.626 - Bairro Brasil - Fones: (34) 3213-5374/5366 - Uberlândia - Minas Gerais

29536-1

Contribuinte: Liliana R. Costa da Silva Tel.: 9809-0565
Residência: R. Porto Alegre (casa 2) Nº 197 Tel.: 341 9048
Bairro: Basil Cidade: Mabalandio Setor: urbano
Local de Trab. do Contrib. ou esposo(a): Guisar Restaurantes e Bar Bairro: Cageira
Endereço p/ Cobrança: O mesmo Bairro: Não
Av. ou Rua Principal mais próxima: _____
Natural de: Dumfries Estado: MG

FILIAÇÃO: { Pai: Lino Costa da Silva É vivo? Sim
Mãe: Marcelo Rodrigues da Silva É viva? Sim

Dog. Ident. N.	M-5.430.931	Valor do Contrato	1.ª CLASSE	ATENÇÃO
Est. Civil	Ampliada	Tx. Administração	R\$ 13,00	O Sr. Vendedor está autorizado a receber somente a inscrição, 1ª - A prestação que vencer a 30 (trinta) dias desta data, e subsequentes deverão ser pagas quando apresentadas pelo cobrador, ou em nossos escritórios
Nascido	02/04/1900	Tx. Manutenção	R\$ 15,80	
Profissão	A.S.B.	Total da Adesão	R\$ 28,80	
Categoria				Vendas a vista só poderão ser efetuadas em nossos escritórios
Parentesco	BENEFICIARIOS E DEPENDENTES			Nascido em
Esposo	Lifton Rodriguez de Oliveira			14 02 1950
Pai				
Mãe	Leandro Rodriguez de Oliveira			20 05 39
Filhos	Roberto Roberto Silva			08 03 97
Filhos	Roberto Roberto Silva			07 12 93
Filhos				
Filhos				
Filhos				
Depend.	* Cliente Cliente do,			
Depend.	João Compensatório			
Depend.				

Observações: Quando receber livro no clube antes

Residência própria ou alugada? Própria

Vencimento da prestação em 20 / 09 / 09

Pedido Encaminhado por <u>Walter</u> Representante Autônomo	<u>20/08/2004</u> Data	<u>Luiz Batista de Sile</u> Assinatura do Contribuinte
---	---------------------------	---

100 BLOCOS 50x2 - 10/2002 - Gráfica Roosevelt - Fone/Fax: (0**34) 3215-3363

7.2 - Os serviços mencionados na cláusula 01 (um), só serão prestados ao (a) CONTRATANTE, caso o mesmo esteja em dia com suas obrigações junto a CONTRATADA, à época em que ocorrer o evento.

7.3 - O CONTRATANTE, a fim de beneficiar-se dos serviços previstos na Cláusula 01 (Um), além do cumprimento das obrigações previstas neste instrumento, deverá imediatamente, após o falecimento do beneficiário, constante do mesmo, comunicar a CONTRATADA para o devido atendimento, não se responsabilizando a mesma, por quaisquer gastos que por ventura venha o CONTRATANTE efetuar sem que sejam autorizados por escrito pela CONTRATADA.

7.4 - Caso devidamente comunicado a CONTRATADA, e tão somente por culpa da mesma, não venha ser feito o atendimento previsto na Cláusula 01 (Um), a CONTRATADA reembolsará ao CONTRATANTE, o valor de custo do atendimento em que ela estará obrigada à época.

7.5 - O CONTRATANTE obriga-se a apresentar a via do contrato, certidão de óbito e requisição do serviço, bem como o comprovante de beneficiário previsto no caput da Cláusula 01 (Um), todas as vezes que for solicitar um atendimento.

7.6 - O beneficiário inscrito em mais de um contrato terá seu atendimento prestado pelo primeiro que for solicitado, não cabendo pelas outras inscrições qualquer indenização por estes mesmos serviços.

IX - DAS PARTICULARIDADES

CLÁUSULA 08 - DA TRANSFERÊNCIA DO CONTRATO

8.1 - O presente instrumento é intransferível e permanecerá em nome do CONTRATANTE até a sua morte, sucedendo-lhe de fato e de direito o cônjuge ou o filho mais velho, devendo o sucessor responder pelas obrigações ora assumidas, a fim de que lhe sejam asseguradas todas as garantias deste contrato.

CLÁUSULA 09 - DA SUSPENSÃO DO CONTRATO

9.1 - As garantias asseguradas por este contrato serão imediatamente suspensas em caso de calamidades públicas, tais como:

Cataclismo;
Catástrofes;
Epidemias;
Guerras civis;
Quaisquer outros motivos advindos de casos fortuitos ou força maior.

CLÁUSULA 10 - DA ASSINATURA DO CONTRATO

10.1 - As partes elegem o foro da Comarca de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, com renúncia expressa de qualquer outro, por mais privilegiado que seja, para dirimir possíveis dúvidas originárias do presente contrato.

10.2 - O(a) CONTRATANTE declara estar de acordo com todas as cláusulas acima, não se responsabilizando a CONTRATADA por quaisquer promessas porventura feitas por seus agentes que não estejam previstas neste instrumento.

E, por se acharem de perfeito acordo, obrigam-se por si e seus sucessores a cumprir fielmente este contrato, que assinam juntamente com as testemunhas abaixo, a tudo presentes.

Uberlândia, 20 de 08 de 2004


PAZ UNIVERSAL - Serviços Póstumos Ltda.

CONTRATANTE

1ª Testemunha

2ª Testemunha

Programa de Benefícios Familiar

Qualidade de Vida

Além da assistência funerária, o associado recebe um guia com ampla rede de convênios, que lhe garante descontos especiais nas áreas:

- Médica
- Odontológica
- Laboratorial
- Farmácia
- Ótica
- Apoio Jurídico



Certeza de um investimento seguro

A Paz Universal encontra-se perfeitamente ajustada à legislação federal de proteção ao consumidor, que estabeleça as normas para comercialização de contratos de serviços futuros. Sendo a primeira empresa do ramo no país a obter o Certificado de Autorização, junto à Secretaria de Direitos Econômicos do Ministério da Justiça, com reserva técnica-financeira para a implantação e comercialização do seu programa de benefícios em todo território nacional.



A certificação além de atestar o valor e seriedade do programa, assegura os direitos e garantias dos associados, que passam a contar com um valioso instrumento de proteção às famílias frente às necessidades.

Faça agora sua adesão

Goiânia 62 3233.7847
Uberlândia 34 3222.2021

Excelência em Atendimento



Atendimento **24** horas

O programa de benefícios da Paz Universal, oferece aos seus associados um conjunto de serviços que garante total assistência funerária:

- Apoio Cerimonial
- Urnas Exclusivas
- Ornamentação
- Montagem de Velórios
- Veículos Especiais

Serviços complementares com descontos especiais:

- Salas de homenagens (sujeito a disponibilidade)
- Tanatopraxia (preparação de corpos)

Proteção para quem você ama

Com o Programa de Benefícios da Paz Universal, você protege toda a sua família.

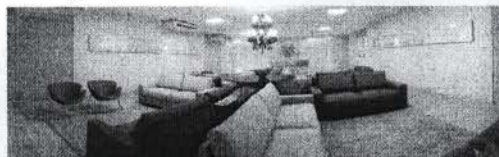


- Titular
- Cônjuge
- Filhos e Enteados (solteiros)
- Pai e Mãe
- Sogro e Sogra
- Dependentes Econômicos*

*Condição em vigor de documento emitido por autoridade competente.

Salas de Homenagens

Na Paz Universal você conta com amplas e confortáveis salas de homenagens póstumas, que inovam em conforto e requinte.



- Ampla área de convivência
- Salas de homenagens póstumas
- Suites para repouso
- Estacionamento gratuito

Moderna Frota

A frota é um fator importante no conjunto dos diferenciais inovadores da Paz Universal.



Veículos específicos para as todas as etapas do Cerimonial

- Apoio Cerimonial
- Cortejo
- Traslado

35
Anos

Excelência
em Atendimento



Matriz Goiânia | Av. Castelo Branco nº 918 - Setor Coimbra

O grupo **Paz Universal**, fundado em 1978 em Goiânia, tem como missão oferecer produtos e serviços de qualidade com atendimento humanizado, pautado na ética, no respeito e na dignidade.

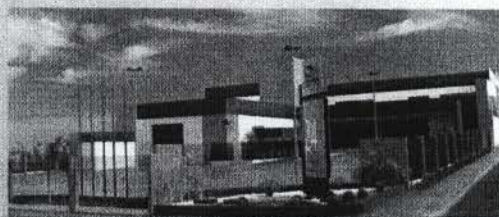
Considerada uma das mais inovadoras empresas do segmento no país, a **Paz Universal** conta hoje com empreendimentos em 9 cidades e clientes ativos em mais de 80 municípios nos estados de Goiás e Minas Gerais.



www.pazuniversal.com.br

Moderna Infraestrutura

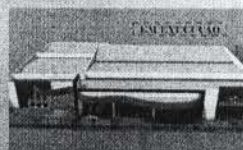
Os associados do Programa de Benefícios da Paz Universal podem optar pelo atendimento em qualquer uma de nossas unidades.



Uberlândia 34 3222.2021 | Rua Curitiba esq. d'Alonso Pena, nº 575 - Brasil



Caldas Novas 64 3453.0400
Rua U, Qd. 66, Lotes 1,2,3 - Nova Vila



Bom Jesus 64 3608.2980
Rua Grande, esq. com Av. Goiás - Olimpia



Bauri Alegre 64 3441.1271
Rua José Antônio Arredio, 100 - com Rua 25
Jardim Pôrto Alegre



Goiânia 64 3495.2412
Rua Piauí, nº 1506 - Centro



Joviânia 64 3408.1470
Av. Mourão, nº 110, Qd. 1111, 91
Condomínio Mourão



São Luiz M. Belos 64 3671.1828
Av. Pernambuco, 1707 - Centro



Vicentinópolis 64 3691.1202
Rua Francisco P. de Sá, nº 350 - Centro